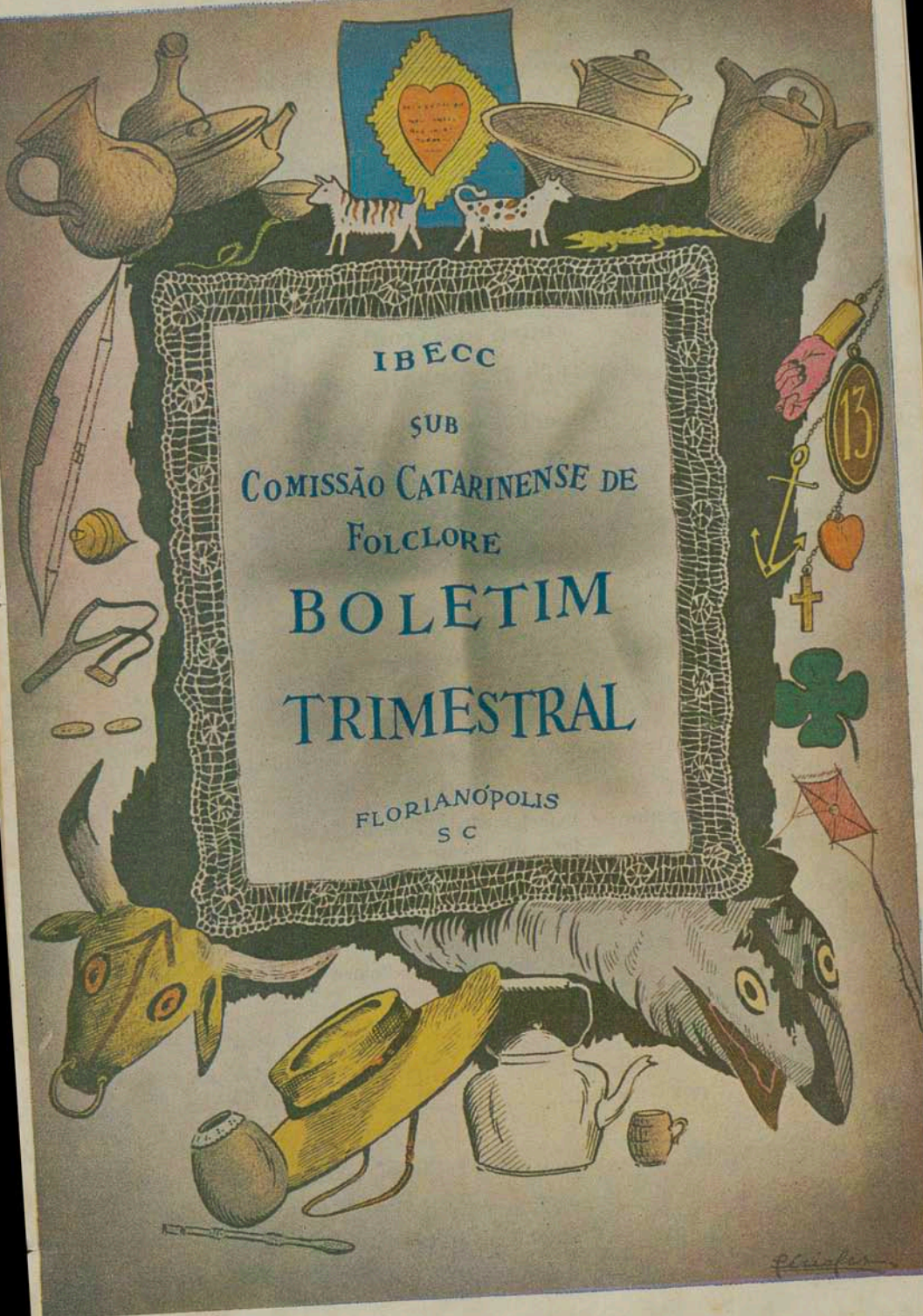




IB ECC

SUB

COMISSÃO CATARINENSE DE
FOLCLORE

BOLETIM
TRIMESTRAL

FLORIANÓPOLIS
S C

plumier

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

**FLORIANÓPOLIS
SANTA CATARINA**

CORPO REDATORIAL
OSWALDO R. CABRAL — Diretor

Rua Esteves Júnior, 138

REDATOR
Walter F. Piazza

**Este número sai sob a orientação e responsabilidade de
Walter F. Piazza**

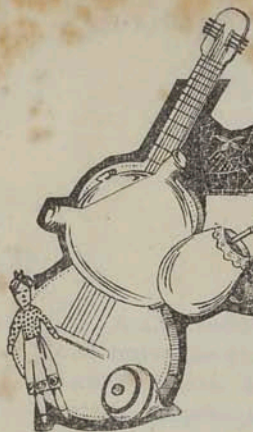
**CAPA: Desenho de Péricles Silva. Tricromia da Livraria do
Globo de Porto Alegre**

**Impressão da IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE
SANTA CATARINA**

Clicherie de Doralécio Soares

Distribuição gratuita

BIBLIOTECA PÚBLICA / SC
 CLT. S. T. A. T. A.
 Class.: _____
 Reg.: 073
 Data: 12.06.96



IBCC
COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE
Boletim Trimestral

FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA

ANO II	Março de 1951	N. 7
--------	---------------	------

NESTE NÚMERO:

	Pág.
Editorial	3
COLABORAÇÕES ESPECIAIS	
Velórios	Walter Spalding 4
Vocabulário de consultório médico	Rui Vieira da Cunha 8
NOTICIÁRIO	10
CORRESPONDÊNCIA	12
RECEBEMOS E AGRADECEMOS	15
O QUE DIZEM DE NÓS	19
TRABALHOS ORIGINAIS	
Costumes do teuto-brasileiro do Vale do Itajaí	T. C. Jamundá 22
Civilização, magia e encantamento	Orlando F. de Mello 25
Benzeduras usadas em Jaraguá do Sul	Jefferson Davis de Paula 27
Termos e expressões regionais	Silveira Júnior 30
Expressões pitorescas	Acylio A. Pereira Pires 36
Tia Chica (Continuação)	Mário de Campos Birnfeld 38
Achegas à Poranduba Catarinense (Continuação)	Lucas A. Boiteux 42
INQUÉRITOS	
Adagiário (Joinville)	48
FOLCLORE ANTIGO DE STA. CATARINA	
A pesca	Virgílio Várzea 51
FOLCLORE NACIONAL	
FOLCLORE ALAGOANO	
Os pregões de trens	Téo Brandão 54
FOLCLORE BAHIANO	
A jerepiga e o folclore	Luiz R. de Almeida 56
FOLCLORE MINEIRO	
Crendices	Saul Martins 58
FOLCLORE PAULISTA	
Décima do casamento	Rossini F. de Lima 60
FOLCLORE DOUTRAS TERRAS	
FOLCLORE AÇORIANO	
Modos de dizer tercelirenses	Carreiro da Costa 62
FLAGRANTES FOLCLÓRICOS	
Natal ou N. Sra. de São Joaquim	Euclides J. Felipe 65
Os Bombeiros Voluntários de Joinville	Egas Godinho 70

É permitida a transcrição de qualquer dos trabalhos contidos neste **BOLETIM**, desde que citados o Autor e a fonte.

* A Comissão Catarinense de Folclore tem a convicção de que o
* novo Governo eleito para gerir os destinos de Santa Catarina
buscará atender às suas necessidades culturais com a máxima boa
vontade, dispensando às associações cultas toda a atenção que elas
merecem.

Como medida inicial, imprescindível e inadiável é de se esperar
que a Casa de Santa Catarina, instituição que a nossa Carta Consti-
tucional consagrou como abrigo de todas as entidades destinadas à
conservação do nosso patrimônio cultural, possa tornar-se uma rea-
lidade no mais breve espaço de tempo possível. Não podemos, nós
que recebemos do Governo que se findou uma série de atenções
que nos permitiram a publicação deste Boletim e dar-lhe uma feição
à altura dos nossos foros de povo adeantado, deixar de reclamar da-
quele que se inicia as providências que estão a exigir o Insti-
tuto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, a Academia Catari-
nense de Letras e outras associações do mesmo nível, para que pos-
sam sobreviver.

Sem o amparo oficial, tais instituições não podem ter vida ativa
e proveitosa. Sem rendas próprias, só com o auxílio dos Governos po-
derão existir tais institutos que exprimem o índice cultural do nosso
povo.

A Casa de Santa Catarina será obra que imortalizará qualquer
Governo. Urge fazê-la. Também é preciso que se pense na necessidade
do rejuvenescimento dos quadros de tais entidades.

E, para tanto, o ponto de partida será a criação da Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras que preparará novas gerações para a subs-
tituição dos nossos atuais valores, despertando nos moços o gosto
pelas artes e pelas ciências e dando-lhes o necessário preparo básico.

A tarefa é, sem dúvida, grandiosa. Mas os grandes governos se
caracterizam pela coragem com que enfrentam as dificuldades e pela
habilidade com que as resolvem. Não ha pois que hesitar.

E, com os agradecimentos ao Governo que se despediu, pelas fa-
cilidades que concedeu a esta Comissão para que a mesma pudesse
realizar alguma coisa de útil e proveitosa para a nossa terra — os
nossos votos de que o Governo que se inicia, dê a Santa Catarina aqui-
lo que ela mais precisa no terreno cultural: a Casa de Santa Catarina
e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

COLABORAÇÕES ESPECIAIS

VELÓRIOS

Walter Spalding

Nos dicionários aparece a palavra **velório** como brasileiro — ato de passar a noite em claro com o defunto — **velar** o morto.

É, realmente, uso quasi exclusivo do Brasil êste de passar a noite em claro, com outras pessoas, na residência do que faleceu, seja homem, mulher ou criança, — anjinho, neste caso.

Na República Argentina, segundo Felix Coluccio (Dicionário Folklorico Argentino — Buenos Aires), praticam em certas regiões o "Velório del angelito" que nada mais é, no geral, do que uma festa fúnebre com dança ritual, — o "baile del angelito".

Diz a respeito o citado Felix Coluccio:

"Es costumbre que aún hoy se practica en el interior de nuestro país especialmente en el norte y noroeste, la que consiste en que cuando fallece algún niño, los padres (...) celebran en su homenaje una reunión (...). Aparecem, então, os tocadores, o "tradicional bombo sonador, violines, guitarras y caja", e começa o baile — "el baile del angelito", no qual não pode faltar, durante a noite, "el café con caña, el aguardiente hervido con tala o poleo silvestre, numerosas vasijas con aloja de algarroba blanca debidamente fermentada para reavivar el espíritu pesadoso de los atribulados padres del angelito". A

dança começa à meia noite, ao primeiro cantar do galo, pelo padrinho e madrinha do "angelito" "al compás de los acordes del arpa o guitarra (...) balanceando en brazos el féretro" que passa dos braços do padrinho para os da madrinha, ou vice-versa, e daí volta ao lugar em que antes estava. Após essa dança que dura 10-15 minutos, o silêncio retorna ao ambiente, ouvindo-se apenas o murmurado das conversas de quando em quando. Mas, ao amanhecer, a cerimonia recomeça acompanhada, desta vez, por cânticos fúnebres e versos apropriados ao caso, terminando, por fim, com danças puramente mímicas ou seguidas de lamentos e algum novo canto.

Cerimónias semelhantes são praticadas na Venezuela, Chile, Colômbia, México e São Domingos, mas nem sempre acompanhadas de danças (Veja: Felix Coluccio, ob. cit. — **Velório del angelito**).

É, não há dúvida, reminiscência dos rituais de sepultamento dos indígenas e africanos, conforme se verifica na vasta literatura sobre usos e costumes de nossos silvícolas e afros, desde os tempos do descobrimento a nossos dias.

Na Europa não são conhecidas tais cerimónias e nem mesmo os simples velórios praticados no Brasil em todas as classes sociais.

Examinando-se a documentação e estudos indianistas e afro-brasileiros, aí encontramos cerimónias pré-sepultamento com rituais ora mágicos, ora lúgubres, com choros e lamentações acompanhados de danças, de cantorias, etc.

No Brasil, entretanto, não se praticam, nas diversas camadas sociais, semelhantes cerimoniais fúnebres, a não ser em **batuques** (imitações dos candomblés) onde a polícia, às vezes, tem que interferir porque deixam o morto não raro 3 e 4 dias insepulto, dançando, comendo e bebendo em torno do cadáver. Fato semelhante aconteceu, faz alguns anos, com a **batuqueira** Mãe Marília, no arrabalde da Glória, em Porto Alegre. O morto, um branco "marido" de Mãe Marília, sendo ela mulata escura, feiticeira e mandigueira, ficou quatro dias exposto no "terreiro" e só foi sepultado quando a vizinhança levou o fato ao conhecimento da polícia.

Fóra de tais casos, hoje raros, os **velórios** são simples e respeitados por todos, embora, na classe pobre e também na média muitas vezes, sejam motivos para jogatina e bebedeiras. No geral, porém, a reunião é realmente fúnebre: não se conversa em voz alta, passando-se a noite toda fumando e tomando cafezinhos ou chimarrão, **velando** o defunto em homenagem à família e último preito às qualidades do que morreu.

Às vezes há doces e bolos e, se o velório é no inverno, chá, licores e outras bebidas. Na classe média e pobre não falta a cachaça.

Dessa homenagem derradeira ninguém escapa a não ser que tenha falecido de madrugada e o sepultamento se realize no mesmo dia.

Camões, no seu imortal poema descreve o triste fim da "misera e

mesquinha" "que depois de ser morta foi rainha" (III, 118-140), e a história lendária nos conta que D. Pedro, por vingança, ao assumir o trôno português colocou nele, a seu lado, a infeliz Inês de Castro obrigando o povo português a render-lhe homenagem naquele fúnebre beija-mão.

Esta história, porém, a dar crédito no que nos conta o comerciante e cronista inglês John Luccock, não foi único no mundo: houve cousa parecida em Santa Catarina, na vila do Destêrro, lá por 1812/13.

Nas suas Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil — tomadas durante uma estada de dez anos nesse país, de 1808 a 1818 (tradução de Milton da Silva Rodrigues — Livraria Martins — São Paulo 1942), lemos, cap. VII, in fine:

"Forneceu-me a morte de um velho Governador a oportunidade de testemunhar uma cerimônia fúnebre curiosa. Vestiram o defunto com o mesmo uniforme militar de grande gala que o general usara ao comandar uma batalha gloriosamente lembrada por tôda a vizinhança. Uma poltrona sustentava o corpo (1) e o povo foi render-lhe homenagem tal como se fizesse a um Governador vivo.

Esse hábito não é peculiar a Santa Catarina; pelo Brasil todo costuma-se fazer uma visita de cerimônia ao morto".

Antigos são, como se vê, os velórios no Brasil.

Caso único é, entretanto, nesta terra brasílica, a homenagem a um morto sentado em cadeira de braços ou poltrona.

Quem foi esse governador? Não o conseguimos saber, pois Luccock não cita o nome.

Esse inglês esteve em Santa Catarina entre meados de 1812 e meados de 1813 e nesse período não descobrimos um só governador que tenha falecido. O único que faleceu no cargo foi o tenente-coronel João Alberto de Miranda, mas a 18 de janeiro de 1800, muito antes, portanto. Outro que foi governador e que faleceu em 1813, a 15 de novembro, foi o brigadeiro José da Gama Lobo Coelho d'Eça que fez parte do triunvirato de 1800 que substituiu o tenente-coronel Miranda Ribeiro. Mas Gama d'Eça faleceu no Rio Grande do Sul e não nos parece que seu corpo tenha sido embalsamado e transportado para o Destêrro. Mesmo que o fosse, ao que parece, não mais alcançaria Luccock que já deveria estar senão no Rio de Janeiro, em viagem para lá.

Percorremos todas as Histórias de Santa Catarina que possuímos: Boiteux, Cabral, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Catarinense, primeira fase, "Os Generais do Exército Brasileiro", de Pretextato-Laurenio Lago, "Santa Catarina no Exército", de Henrique Boiteux, tudo improficuamente. O enigma permaneceu. É possível que Luccock tenha confundido o fardão de Vereador-presidente, ou simples vereador, ou Juiz de Fora ou Ouvidor, com o de general.

Em todo caso, aqui fica, com a nota sobre os velórios, o enigma

luccockeano que entregamos aos historiadores catarinenses, os preza- dos amigos desembargador Henrique da Silva Fontes, Osvaldo R. Cabral, Carlos da Costa Pereira e ao genealogista Taulois de Mesqui- ta.

(1) — Na tradução de Nelson C. de Melo e Souza, dos capítulos VI e VII (**Aspectos sulriograndenses no 1º quartel do século XIX — Record —** Rio de Janeiro, 1935), encontramos: “Haviam-no posto numa cadeira de braços. O povo vinha, então render-lhe homenagens como se se tratasse de um governador vivo”.

NR.: — Ao enigma **luccockeano**, como o quer o nosso ilustrado cola- borador Walter Spalding, o nosso confrade Walter Piazza pro- curou solvê-lo. Percorreu os livros de assentamentos de óbitos da Paróquia de N. Sra. do Destêrro, dos anos de 1809 a 1815. Entre outros “que se foram da vida presente” naqueles anos, anotou: Capitão João dos Reis Coutinho, de 80 anos, natural do Rio de Janeiro, em 20-2-1809; Alferes Manoel Vidal Arouche, de 97 anos, natural de Portugal, em 5-3-1809; Rvdo. Joaquim José Jaques Nicóz, de 50 anos, natural da Ilha de Santa Cata- rina, em 5-7-1809; Miguel Francisco de Magalhães, Capitão de milícias graduado em Sargento-mór de milícias, natural de Lis- boa, de 47 anos, em 21-4-1810; Capitão Manoel Fernandes Lessa, de 53 anos, natural do Destêrro, em 9-11-1810; Ca- pitão Antônio Martins da Silveira, de 66 anos, natural do Desterro, em 20-10-1811; Frederico de Almeida Correia, “de- sembargador que foi da Relação do Porto”, de 50 anos, em 13-6-1814; Antônio José de Freitas Noronha, sargento-mór, de 72 anos, em 5-10-1814; e Tenente-Cel. Alexandre José de Aze- vedo Leão Coutinho, de 74 anos, natural do Rio de Janeiro, este já em 1815.

Pelas deduções do abalisado historiador Walter Spalding teria se sucedido tão pitoresco acontecimento entre 1812 e 1813, quando não foi registrado nenhum óbito importante.

Como vemos, apesar das buscas efetuadas, permanece o enigma. E quem o resolverá? !...

VOCABULÁRIO DE CONSULTÓRIO MÉDICO

RUI VIEIRA DA CUNHA

Sob o título acima, divulgou Osvaldo R. Cabral uma colaboração assaz valiosa, no **Boletim Trimestral** da Sub-Comissão Catarinense de Folclore (ano I, nº 4, junho de 1950, pgs. 38 e 39). Agradecendo-lhe a remessa das publicações dessa Sub-Comissão, tivemos ensejo de escrever-lhe que vários dos termos ali citados são também de uso no interior espírito-santense, conforme notas que temos, colhidas no Município de Castelo. De fato, dos 56 termos compendiados ali, muitos são empregados, em nossa terra, com a mesma acepção (bichas, boca do estomago, cadeiras, constipação, desmancho, destroncar, fontes, fraco, gastura, junta, lambedor, mãe do corpo, quebra-dura, rendidura, unheiro, via) e outros com significado diverso. Aqui, procuraremos examinar êsses ultimos, principalmente, num trabalho comparativo com o do intelectual catarinense, cujo método seguiremos, para mais facilitar o confronto, baseado nos dados colhidos em Castelo.

ACOSTUMADO (ou costumado) — Menstruação (Santa Catarina). Não se emprega na zona do Espírito Santo a que nos referimos. Aí diz-se **lua** para designar menstruação, sendo correntes as expressões **estar com a lua** ou **estar no tempo**, isto é, estar com a menstruação. Em Conceição de Castelo, usa-se **mastrução**, palavra originada de falsa analogia, já que se acredita ser benéfico o uso do chá feito com a planta denominada **mastrução**, quando há suspensão do fluxo menstrual.

ADUELA — Costela (S. C.). Desconhecida tal acepção, mas

é frequente a expressão **estar com uma aduela de menos**, ou seja, estar maluco.

AR — Paralisia (S. C.). Uso semelhante. Provém da crença de ser a paralisia consequência de um golpe de ar. Registramos a expressão **deu o ar no pescoço** para dizer torcicolo. Também se diz **ar prêso**, quando há uma atonia intestinal.

COBREIRO (ou côbro, ou cobrelo) — Herpes (S. C.). Só encontramos a forma **cobreiro**, com o mesmo sentido, sendo ignoradas as duas outras. O remédio aplicado é uma reza, acompanhada do ato de fazer cruzeiros, com tinta de escrever, seguindo o risco da doença.

COROTO — Testículo (S. C.) Divulgada essa corruptela de **escroto**. Esse último termo só é empregado como sinônimo de ordinário.

DESPACHAR — Evacuar o intestino (S. C.). À palavra é dado significado muito diverso — **dar a luz**. Para evacuar o intestino são adotadas as expressões **dar de corpo** e **ir no mato**.

EMBUCHO — Engasgo (S. C.). Não a encontramos, mas lembremos que, em certas regiões de Minas Gerais, **embuchado** é amolado.

ENCANAR — Reduzir (S. C.). Empregado apenas para designar o ato de **pôr numa cana**, taquara grossa, cortada, usada em substituição ao gesso, quando de fratura. Assim, nunca se ouve **enganar o osso**, como na terra dos barrigas verdes, mas **enganar o braço**, **encanar a perna**, etc.

ENCARANGADO — Encolhido (S. C.). Aplicado ao que é encolhido em virtude de reumatismo, pois é, propriamente, **reumático**.

FERIDA — Úlcera (S. C.). Não só úlcera, mas toda solução de continuidade na pele, é um termo genérico.

PARTES — Órgãos genitais (S. C.). Só usado com referência aos órgãos genitais das mulheres. Curiosa designação há, no interior de São Paulo, para esses órgãos, masculinos ou femininos — é a de **documentos**.

OCUPADA — Grávida (S. C.). Desconhecida. A expressão usual é **estar de barriga**.

SOLTURA — Diarréia (S. C.). Também ignorada, embora aplicada, igualmente, em Minas Gerais. Na zona que pesquisamos, diz-se **piriri** para a diarréia.

VAO — Hipocôndrio, flanco (S. C.). Adotada com o significado de região esternal.

ZIPRA — Erisipela (S. C.). Não conhecida, sendo, entretanto, empregada uma outra corruptela — **crisipra**.

Muitos outros termos dignos de nota podemos arrolar no linguajar de consultório médico de nosso interior, mas que não cabe aqui estudar. Como exemplos, porém, recordemos **secundina** (placenta), **pá** (omoplata), **bolacha** e **tramela do joelho** (rótula) etc. Vários deles têm sentido diferente em outras regiões brasileiras (Ciro Vieira da Cunha, **O Dialeto Brasileiro**, Vitória, 1933, pg. 12).

Rio, 1950

Interesse-se pelo nosso folclore. A Comissão Catarinense receberá a sua visita com agrado e a sua contribuição com desvanecimento.

NOTICIÁRIO

5º CONCURSO DE MONOGRAFIAS FOLCLÓRICAS

Como nos anos anteriores, realizou-se o Concurso de Monografias Folclóricas instituído pela Discoteca Pública Municipal, do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo.

Ao concurso deste ano — o quinto que se realiza — seis concorrentes se apresentaram em disputa dos cinco prêmios a serem distribuídos.

Em princípios de dezembro do ano p. findo já estava designada a comissão julgadora composta dos professores Lavinia Costa Vilela, Roger Bastide e Donald Pierson.

Esta Comissão, a 15 daquele mês após apreciar devidamente os trabalhos apresentados, por unanimidade, resolveu conceder o primeiro prêmio ao folclórico paulista Alceu Maynard Araújo que apresentou uma monografia intitulada "Ciclo agrícola, Calendário Religioso e Magias ligadas à plantação". Além de separatas do trabalho que será publicado na Revista do Arquivo coube-lhe a quantia de Cr\$ 13. 000,00.

Ao dr. Oswaldo R. Cabral, secretário-geral da nossa Comissão de Folclore, coube o 2º prêmio pelo seu opulento tra-

balho "A medicina teológica e as benzeduras", o que lhe dá direito a cem separatas de sua monografia e um prêmio de Cr\$ 7.000,00, em dinheiro.

Por esta merecida vitória de dois justos valores das nossas pesquisas folclóricas regosijamo-nos.

Que, ao próximo concurso se habilite maior número de candidatos, são os nossos votos !

ÊCOS DAS ATIVIDADES FOLCLÓRICAS EM SANTA CATARINA

Sob a epígrafe acima o matutino "A Gazeta", desta Capital, publicou o que segue: "Verdadeiramente louvável o empenhimento que D. Mariza Lira, da Comissão Nacional do Folclore, levou a cabo em nosso Estado, especialmente na ilha.

Ao lado do trabalho de sua especialização, irradiado por diversas emissoras, apresenta-nos a distinta Senhora uma realização que muito de perto nos toca: uma coleção de amostras das rendas feitas por nossas hábeis rendeiras, inteligentemente classificadas e distribuídas em bem organizado album.

Cada tipo de renda é apresentado com a respectiva denominação, em geral, pitorescamente dada pelo povo.

Além disso, são os diferentes tipos de renda classificados em relação aos centros rendeiros locais que preferencialmente os fabricam, havendo modelos comuns a todos. Ribeirão, Canasvieiras, Saco Grande, Palhoça acham-se bem representados nos diversos modelos de tradicionais pontilhas, apegamentos e aplicações.

Do volumoso album destacamos, algumas páginas : as de n. 1, 6, 9, gerais a todos os centros com as pontilhas "perna chela" — "escadinha" "vai e não volta" "de mosca" "floreada" "Cauda de pavão" "perna de rosas"; e os apegamentos n. 2 e 5, "tru-tru" "olho de periquito" "arregalada" "corrente" "tijolinho" "vai e volta" "olho de pombo" "amor em pedaços" "gradinha", etc.

PALHOÇA, no continente, oferece-nos os seguintes tipos: n. 7, 8, em pontilhas "cauda de pavão" "orelha de mula" "renda mista".

CANAVIEIRAS, cestinha floreada, triângulo de folhagem etc.

SACO GRANDE, n. 14 e 16 com dois belíssimos modelos "beijú de arco" e "toalhinha de margaridas".

No RIBEIRÃO vemos em os ns. 10, 11, 12, 13, 17 e 19, belas aplicações em "teia de aranha" "olho de pombo" "canto de estrela" "rodinha de Chô-grande" "medalhão de peixinho" "rodinha de abacaxi" "bochecha" "folha de café" "tramoia" "palma" "sarapico" e outros.

Embora a coleção não prime pela perfeição das amostras, é uma demonstração do trabalho paciente e interessado de pesquisa em nosso interior, divulgando a tradicional indústria caseira das rendas de bilro, que revela a habilidade manual e o senso artístico de nossas humildes rendeiras".

FUNDAÇÃO DE CENTROS DE PESQUISAS FOLCLÓRICAS

LAJES

Prosseguindo nos trabalhos inerentes à Comissão Catarinense de Folclore, o seu secretário-geral, dr. Oswaldo R. Cabral, entrou em entendimentos com os sr. dr. Osni Regis, prefeito de Lajes e ex-diretor do Instituto de Educação "Vidal Ramos", daquela importante cidade serrana, afim de promover, com elementos in-

telectuais e estudiosos locais, a fundação de um centro de pesquisas folclóricas.

O dr. Osni Regis mostrou-se bastante interessado pelo assunto e prometeu colaborar com a Comissão Catarinense de Folclore no sentido de tornar efetivo mais este importante empreendimento. É de esperar que a mocidade culta e estudiosa da cidade de Lajes acolha a idéia com entusiasmo que merecem as boas iniciativas.

LAGUNA

Com o dr. Tupi Barreto, incansável presidente do Centro Cultural "Antônio Guimarães Cabral", da cidade de Laguna, idêntico entendimento teve o nosso Secretário-geral.

O dr. Tupi Barreto prontificou-se a levar a idéia aos associados daquela entidade cultural e aguardar a próxima visita do dr. Oswaldo R. Cabral, Secretário-geral da Comissão Catarinense de Folclore àquela cidade, para promover uma reunião com o fim de levar avante a iniciativa que, aliás, já havia sido lembrada ali pelo nosso distinto correspondente prof. Ruben Ulysséa.

OUTROS CENTROS

É pensamento da Comissão Catarinense de Folclore lançar este ano os fundamentos de centros de pesquisas folclóricas, inteiramente autônomos e apenas a ela filiados na cidade de Itajaí, junto ao esforçado Centro Cultural daquela cidade, bem como no Colégio Catarinense e um outro estabelecimento de ensino secundário nesta Capital.

DISTINGUIDO O DR. OSWALDO CABRAL

O Secretário-geral da nossa Comissão de Folclore, dr. Oswaldo R. Cabral, acaba de ser, pelos seus incontestáveis méritos de pesquisador do nosso passado, incluído entre os membros do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense.

Daqui felicitamos o nosso incansável Secretário-geral por mais este justo galardão dos seus esforços em prol da cultura brasileira.

CORRESPONDÊNCIA

LETRA

OFÍCIO HONROSO

O nosso Secretário-Geral, Dr. Oswaldo R. Cabral, recebeu do Exmo. Sr. Dr. Renato Almeida, Secretário-Geral da C. N. F. L. a seguinte missiva, que a Direção deste Boletim tem a grata satisfação de transcrever:

Rio de Janeiro, 17 de Janeiro de 1951.

Excelentíssimo Senhor Deputado Oswaldo R. Cabral
Secretário-Geral da Comissão Catarinense de Folclore. —
Rua Esteves Júnior, 138, Florianópolis.

Meu prezado colega,

Recebi o sexto número do Boletim Trimestral. De outros ensejos já lhe transmitti o sincero louvor por essa publicação, que tanto honra o nosso esforço comum. Recentemente, em Havana, durante a Conferência Regional das Comissões Nacionais da Unesco no Hemisfério Ocidental, mostrei-a com justificado orgulho, não só para essa Comissão e para CNFL como também para o IBECC. O novo número merece os mesmos aplausos dos anteriores, demonstrando aperfeiçoamento e melhorias que a sua continuidade justifica.

2. Acuso o recebimento da sua carta de 14 do corrente, na qual me informa do programa da Comissão para 1951. Considero a criação de centros folclóricos, para incentivar as pesqui-

sas de campo, como uma das mais proveitosas atividades que possamos realizar e Santa Catarina prestará novo serviço e novamente servirá de modelo estabelecendo essa rede de centros em projeto e início de instalação. O inquérito me parece excelente e muito o felicito pela próxima instalação da Comissão em sua sede própria, que facilitará extraordinariamente os trabalhos.

3. A idéia de Vossa Excelência de preparar uma nova geração de folcloristas demonstra o sincero empenho com que encara os nossos problemas, com louvável desinteresse e preocupado mais com semear do que apressado em colher frutos fáceis. Muito me apraz confessar-lhe, que, no esforço conjunto que empreendemos pelo folclore brasileiro, Vossa Excelência, apesar de seus numerosos afazeres de homem público, parlamentar e médico clínico, é um dos companheiros de maior dedicação, entusiasmo e dinamismo. Não só a Comissão Nacional de Folclore, mas, por igual o Ibicc, têm na mais alta conta os seus excelentes serviços e benfeitorias realizações.

Pego-lhe transmitir minhas congratulações aos devotados companheiros, que tanto contribuem para os triunfos dessa Comissão, e receber as garantias da minha perfeita estima e distinta consideração,

Renato Almeida
Secretário-Geral

RECEBEMOS:

Manáos, 28 de outubro de 1950.

Exmo. Snr. Deputado Oswaldo Cabral.
Secretário-Geral da Comissão de Folclore
de Santa Catarina.

Do extremo norte do Brasil, enviamos, os membros da Comissão Amazonense de Folclore reunidos com o Secretário-Geral da Comissão Nacional de Folclore, as mais afetuosas saudações ao colega e demais companheiros da Comissão desse Estado, cujo esforço na renovação dos estudos folclóricos brasileiros se demonstra com tanto brilho através do seu excelente e modelar Boletim Trimestral.

Anísio Jobim
Renato Almeida

*
**

Salvador, 6-11-50.

Os membros da Comissão Bahiana de Folclore, reunidos com Renato Almeida, enviam a Oswaldo Cabral e aos colegas catarinenses, as suas mais afetuosas saudações folclórica.

Antônio Vianna
Renato Almeida

October 21, 1950.

Sr. Oswaldo R. Cabral
Rua Esteves Júnior, 138
Florianópolis, Sta. Catarina, — Brasil.
My dear colleague:

I have just received No. 4 (for June of 1950) of your valuable Boletim Trimestral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore. I thank you very much for sending it, and I have just analyzed its contents for citation in the annual Folklore Bibliographies which I publish.

I should like very much to have a complete set of this Boletim, therefore, I should be most grateful if you would send me the first three numbers.

I remain,
Very truly yours,

R. S. Borggs.

NR: — Ralph S. Boggs é professor da
Universidade de Miami.

*
**

Sete Lagoas, 22 de fevereiro de 1950.

Ilmo. Sr. Redator Chefe do "Boletim Trimestral" da Sub-Comissão Catarinense de Folclore.

Florianópolis — Sta. Catarina.
Saudações cordiais.

Sendo membro da Sub-comissão Mineira de Folclore, interesse-me grandemen-

te em receber o Boletim Trimestral ditado por essa congênere catarinense, que, certamente, traz matéria folclórica do mais alto interesse.

Solicito-vos, pois, pela volta do correio, indicar-me qual a maneira de obter uma assinatura anual dessa publicação e, se possível, enviar-me os números já editados até o presente.

Confesso-me, antecipadamente, agradecido à gentileza com que, sem dúvida, serei atendido e aproveito o ensejo para vos apresentar meus protestos do alto apreço e distinta consideração.

Atenciosamente.

Fausto Teixeira

NR: — O signatário desta é autor de um livro intitulado "Estudos de Folclore", do qual já, em número anterior, publicamos trechos.

*
**

Buenos Aires, 10 de diciembre 1950.

Sr. Osvaldo R. Cabral

Santa Catarina

Mi querido amigo:

He recibido y leído con extraordinario interés, el número del Boletim Trimestral. Realmente es un número soberbio, leno de trabajos especializados y una presentación digna de un libro. Hasta la carátula reúne las exigencias del folclore y del arte, en un alarde de técnica y buen gusto, sin apartarse del simbolismo. Acepto mis felicitaciones y augurios de que sigan honrando con esa devoción al folclore de América.

Le agradezco haya incluido una pági-

na de mi Diccionario. Es un honor para mí.

Si le fuera posible mándeme algun ejemplar más.

Yo le había remitido una colaboración por correo certificado. Se titulaba: Correspondencias en el folklore americano. La recibió?

Si fuera posible, haga que cada uno de sus compañeros de comisión me mandem sus datos biobibliográficos y sus fotografías, para mi libro "Folkloristas del Mundo" que debe aparecer en marzo o abril próximo. Ud. actualizeme sus datos.

Muy cordialmente estrecha sus manos
Félix Coluccio

*
**

Pelotas, 21 de Agosto de 1950.

Prezado amigo e colega Ary (Cabral)

Um abraço e os meus cumprimentos.

Segundo prometi, remeto-lhe a restante da colaboração da tia Chica. Para esta parte, mais do que para os versos, peço-lhe que recomende ao Dr. Cabral o máximo rigor na seleção do material, que for publicado, pois há mais de vinte anos estou afastado das pesquisas folclóricas. O Dr. Cabral fica autorizado a eliminar o que julgar sem valor, a corrigir o que estiver errado e a tomar qualquer providência, que julgar necessária. Por tudo que fizer, desde já os meus agradecimentos.

Ao passar a limpo esse material, é que pude avaliar o que se perdeu nas minhas viagens.

Um abraço a todos os amigos, e disponha do colega e amigo.

Mario C. Birnfeld

A COMISSÃO solicita dos Srs. Correspondentes:

A COLHEITA E REMESSA de termos regionais e vocábulos comum nas zonas em que residem, com a sua significação. Este Boletim já publicou, e podem servir de modelo, um trabalho de Euclides José Felipe (nº 3), outro do Pe. Alvinio Bertoldo Braun (nº 3) e outro do nosso Diretor (nº 4).

(Sugestão do Prof. Custódio Campos aprovada em sessão de 1º de abril do corrente ano).

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

JOAQUIM RIBEIRO — As cartas chilenas e a Inconfidência Mineira

— Tese ao concurso da cadeira de História Geral e do Brasil, do Colégio Pedro II — Publicitan Editora — 1950.

Joaquim Ribeiro, nome conhecido nos meios culturais do país, apresentou-se candidato à cadeira de História Geral e do Brasil do Colégio Pedro II, com um trabalho de fôlego: — As Cartas Chilenas e a Inconfidência Mineira. Escritor de largos recursos, servido por uma cultura geral aprimorada e por um espírito crítico notável depois de acentuar o caráter intelectual daquele movimento emancipador entrou a apreciar o papel histórico atribuído às Cartas Chilenas. Estudando os apógrafos das mesmas, a ausência de menção a elas nos "autos da devassa" e o recurso de que se valem os adeptos de

que a autoria se deva aos poetas inconfidentes, buscando alusões nos depoimentos de Claudio Manoel da Costa, de José Lourenço Ferreira e de Firmino Soares de Araujo. Joaquim Ribeiro estuda a seguir o poema satírico "Hissope", de Cruz e Silva, para provar ter sido ele uma das fontes literárias das famosas cartas fez o exame crítico das provas testemunhais de Saturnino da Veiga, Chagas Ribeiro e de frei Antônio da Arrábida, mostrou as concordância e a discordância históricas na obra, entrou na estilística comparada das cartas com a poesia dos poetas inconfidentes e depois de esgotar a matéria sob todos os aspectos, conclue que o autor das Cartas Chilenas ainda não pode ser identificado, sendo elas posteriores à Inconfidência. O trabalho é longo, convincente, consciencioso e documentado. A sua leitura, obrigatória a todos os especialistas desta página dramática e co-movente da nossa História, que é a Inconfidência Mineira.

**VERÍSSIMO DE MELO — Adagiário da
alimentação**

Ed. da Diretoria de Documen-
tação e Cultura da Prefeitura Mu-
nicipal de Natal — 1950.

Veríssimo de Melo é nome feito e con-
sagrado nas letras folclóricas pátrias.
Sua obra de pesquisa é vasta e conta
publicadas as "Advinhas" (1948), as "Su-
perstições de S. João" (1949), os "Acalan-
tos" e as "Parlendas" (1949), tendo a pu-
blicar as "Rondas Infantis Brasileiras",
os "Jogos Populares", "Três aspectos de
Superstição Brasileira", "A Chuva na
tradição popular", "Alcunhas do Brasil e
de Portugal" e "O Cavalo no Adagiário
Brasileiro".

O trabalho em apreço foi escrito por
sugestão de um dos diretores do SAPS,
para a revista *Cultura e Alimentação*,
saindo agora em separata. Depois de uma
rápida introdução, alinha e dá a sua ex-
plicação inúmeros adágios que se refe-
rem à alimentação, muitos dos quais tem
também curso entre nós.

É um opúsculo que deve figurar na es-
tante dos nossos folclorólogos.

**WALTER SPALDING — Superstições co-
muns ao Brasil e aos Açores**

Tipografia Andrade — Angra do
Heroísmo.

Walter Spalding é um trabalhador in-
fatigável. Além dos seus inúmeros traba-
lhos históricos, dedica suas atividades à
sociologia, ao vernáculo, ao folclore. Mo-
nografias suas correm pelas publicações
periódicas de todos os Estados — e de
muitos países da América do Sul e da
Europa — pois todos disputam a honra
de agasalhar produções do ilustre escri-
tor gaúcho. O trabalho que temos em
mão, intitulado, "Superstições comuns ao
Brasil e aos Açores", é uma separata do
vol. VII do Boletim do Instituto Histó-
rico da Ilha Terceira e foi feito depois que
o Autor tomou conhecimento, no 1º Con-
gresso Catarinense de História de uma
comunicação do ilustre Dr. Luiz da Silva
Ribeiro sobre o mesmo assunto.

Spalding passa em revista superstições
existentes nos Açores, no Rio Grande do

Sul, no Pará e em nosso Estado, referen-
tes à água, aos amuletos, aos animais, aos
astros, à casa, ao casamento, à comida,
ao corpo humano, às coisas perdidas, às
crianças, aos dias nefastos, ao fogo, à
morte, às pragas, aos sonhos e ao tem-
po.

É um trabalho interessantíssimo, de
valor inestimável com o nosso folclore.

Spalding, que é nosso eminente e as-
síduo colaborador, é além de tudo um
grande amigo da nossa terra e do seu
povo. Muito antes de comparecer ao nos-
so Congresso de História, onde foi figura
das mais brilhantes, já pertencia ao nos-
so Instituto Histórico. É, portanto, per-
sona grata, figurando ao seu acervo de
serviços o ter sido um dos fundadores
da Comissão Catarinense de Folclore.

**JOSE CALAZANS BRANDÃO DA SILVA
— O ciclo folclórico do Bom Jesus
Conselheiro**

Contribuição ao estudo da
Campanha de Canudos — Tip.
Beneditina Ltda. — Bahia — 1950.

O Autor, que é membro proeminente
da Comissão Bahiana de Folclore, apre-
senta o trabalho acima como tese ao
concurso de livre docente de História do
Brasil da Faculdade de Filosofia da Uni-
versidade da Bahia. — É um estudo mi-
nucioso, dividido em capítulos relativos
à fase do ciclo, à do apostolado, à da cam-
panha e à do messianismo conselheiristas,
concluindo, entre outras documentadas
afirmações que "na revisão do assunto,
dadas as origens nitidamente populares
da Canudos, o conhecimento e a inter-
pretação dos elementos folclóricos serão
necessariamente levados em conta".

**CHARLES WAGLEY, THALES DE AZE-
VEDO E LUIZ A. COSTA PINTO — Uma
pesquisa sobre a vida social no Estado
da Bahia**

Publicações do Museu do Estado
— N. 11 — 1950.

É mais um excelente trabalho feito
oficialmente pelo Estado da Bahia em
cooperação com a Columbia University,
no campo de antropologia social e na

Sociologia, com o fito de adquirir um conhecimento da Sociedade e da cultura rurais em três zonas ecológico-culturais daquele grande Estado, determinado, entre outros, o efeito dos três diferentes cenários ecológicos sobre padrões de cultura luso-brasileiros, basicamente idênticos, que se desenvolveram naquela área rural do Brasil em 400 anos.

ANTÔNIO VIANA — Casos e Coisas da Bahia

Publicações do Museu do Estado
N. 10 — 1950.

Antônio Viana é um velho pesquisador, membro da Academia de Letras da Bahia, do seu Instituto Histórico e Secretário Geral da Comissão Bahiana do Folclore.

O seu livro é um repositório de fatos de outrora, traçados com graça, delicadeza e humor. É um livro de saudades, em que há muito de história, muito de folclore e muito de poesia. Um livro que não se lê sem sentir o encantamento que a velha, a tradicional e hospitaleira Bahia exerce sobre todos quantos a visitam.

MÁRIO DA VEIGA CABRAL — Corografia do Distrito Federal

Editora "A Noite".

O infatigável e sempre moço Mario da Veiga Cabral, Autor de mais de uma vintena de obras diláticas, acaba de lançar a 8ª edição da sua Corografia do Distrito Federal.

Trabalho Completo, como todos os que saem da pena autorizada e competente do estimado professor.

WALTER F. PIAZZA — Luzeiros Catarienses (Biografias) — 1950

Walter Piazza é um trabalhador incansável. Vivendo das suas atividades culturais, empresta o seu concurso à imprensa local, sendo um dos redatores do diário "A Gazeta". Pela manhã, vasculha o Arquivo da Paróquia, à tarde, depois dos seus labores no periodismo, anda pelos arquivos da Ordem Terceira e outros, buscando e rebuscando. Prestativo, está sem-

pre pronto a fazer uma busca, uma pesquisa, para servir a um amigo talvez menos atarefado do que ele ou para responder a uma consulta de um genealogista de fora. Vai à Imprensa Oficial, é encontrado na Biblioteca, nas Livrarias, na Estatística, no Dep. de Geografia, sempre ocupado. A noite ainda cuida do Boletim de Folclore, cooperando na sua feitura, na sua revisão, na sua expedição. Foi vereador em Nova Trento e só não frequentava as sessões da Câmara porque não tem dom da ubiçuidade.

Já tem alguns trabalhos publicados: Teses a Congressos de História e "Se elas falassem..." (histórias regionais), e agora lança à luz da publicidade um opusculo contendo 40 biografias sintéticas de homens ilustres de Santa Catarina, cuja consulta será daqui por diante obrigatória aos estudiosos. O trabalho é singelo, escrito com sobriedade e elegância e vem prefaciado pelo ilustre Sr. Almirante Benjamin Sodré.

MANOEL DE PAIVA — O Congresso de Florianópolis, comemorativo do Bi-Centenário da Colonização Açoriana
Coimbra, 1950.

O eminente professor da Universidade de Coimbra, Sr. Manuel Paiva Boléo, foi um dos convidados especiais ao Congresso de História Catarinense, aqui realizado com inextinguível brilho, em outubro de 1948, como parte das comemorações do bi-centenário do povoamento de Sta. Catarina pelos casais açorianos. Tomou o ilustre mestre coimbrão parte nas discussões havidas nas comissões e no plenário; viajou, observou, estudou, inquiriu, aproveitando magnificamente aquela semana que reuniu em nossa terra altas expressões culturais do nosso e de outros Estados.

De tudo o que pode ver, observar e apreciar, o Dr. Paiva Boléo fez uma minuciosa descrição na revista "Brasília" (Vol. V), tirando elegante separata. É uma publicação de alto valor documental, escrita com maestria e simplicidade, que nos enche de orgulho pelos conceitos que a nosso respeito expende e que muito servirá para incentivar cada vez mais o intercâmbio cultural entre Portugal e o Brasil e principalmente entre aquela Na-

ção e Santa Catarina, em tão propicia hora iniciada com a visita do ilustre Professor.

Orfeão Brasileiro — Excelente publicação que obedece à redação do virtuoso sacerdote Frei Pedro Sinzig, ofm. — Agradecemos os exemplares que nos foram enviados.

O "35" — Boletim Mensal do Centro de Tradições Gauchas

— Magnífica realização de brilhante pugilo de Gauchos tradicionalistas, sob direção de Luiz Carlos Lessa

Livros Publicados em Sta. Catarina

Zedar Perfeito da Silva — Oeste Catarinense.

Oswaldo R. Cabral — Nossa Senhora do Destêrro — Os Juizes de Fora e Os Açorianos.

Walter F. Piazza — Luzelros Catarinenses.

Anais do 1º Congresso Catarinense de História — Volume II.

No próximo número dêste Boletim:

Consignaremos apreciações sobre os — Anais do 1º Congresso Catarinense de História

— Max Tavares do Amaral — História da Colonização Alemã no Vale do Itajaí

— Alice P. Canabrava — A Evolução das Posturas Municipais de Sant'Ana da Paraiíba — 1829 — 1867 —

— Alice P. Canabrava — Documentos sobre os índios do Rio Juquá

Coopere para a conservação das nossas mais belas tradições, prestigiando a organização dos autos populares do ciclo Natal e de Reis:

A Comissão Catarinense de Folclore receberá, de bom grado qualquer contribuição que possa interessar ao seu museu especializado, ora em organização.

O QUE DIZEM DE NÓS

O nosso companheiro, sr. José Lupércio Lopes, no matutino "A Gazeta" que se edita nesta Capital, publicou a seguinte nota:

BIBLIOGRAFIA

Há dias, sob esta epigrafe, fizemos referência a uma importante revista publicada na culta capital bandeirante e na qual era estampado um criterioso comentário sobre o que se dizia e escrevia outróra — que "Santa Catarina era terra de alemães".

Temos agora, sobre a nossa mesa de trabalho uma outra, não menos importante revista — o Boletim trimestral — órgão da Sub-comissão Catarinense de Folclore, edição especial comemorativa ao seu primeiro ano de lutas e conquistas. É seu diretor, o já consagrado historiador e homem-de-letras Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, a quem afetosamente felicitamos.

A capa do referido Boletim, estampada a côres, em papel superior, é bem organizada. Apresenta desenhos de Péricles Silva; tricomia da livraria do Globo, de Porto Alegre. Foi impressa nas oficinas da Imprensa Oficial do nosso Estado, que

tem como Chefe da sua elichéria o hábil Doralécio Soares.

Nitidamente vê-se a côres diferentes, alguns emblemas de costumes vários; objetos de uso, brinquedos, jogos e divertimentos que enriquecem o folclore catarinense, destacando-se deles, a louça de barro, ainda usada por muitas pessoas; o bodeque, o plão, a pandorga, a funda, tudo em moda atualmente, pela rapazada irrequieta.

A chaleira, a cula, e a bomba para o chimarrão; a cabeça do chamado "Boi de Mamão" e a da famosa "Bernuncia" tão em evidência em suas danças, e outros tantos, que indicam o vasto campo em que aparecem os nossos antigos costumes, etc. Depara-se, ainda, no centro da elegante capa um quadro em fino desenho, onde ostenta-se, garboso em letras, de côr verde, o seu título e sub-título já referidos.

Pela capa assim habilmente confeccionada, o leitor recebe, logo, a melhor impressão do trabalho que vai ancioso, manusear.

Quanto à parte interna encontra o leitor farta e interessante colaboração não só sobre o Folclore barriga-verde, como

ainda o gaúcho, baiano e capichaba, além dos de outras terras, como a açoriana, argentina e dominicana, da lavra de diversos escritores de reconhecida reputação. Mas, dentre tôdas essas, uma nos traz a origem da famigerada "Bernúncia" — esse, bicho feio, de boca aberta, como faminto, que se atira contra o povo, provocando grande gritaria, quando das danças do "Boi de Mamão", cavalinho, cabrinha, etc. tão em moda em terras catarinenses.

— "Bernúncia" o que é?

Donde vem e quem a inventou?

— Ignoramos.

— Atualmente, porém, ao lermos o importante "Boletim Trimestral" a que acima nos referimos, encontramos as respostas às interrogações que fizemos:

O nosso distinto conterrâneo major Alvaro Tolentino de Souza, um dos ilustres historiadores que colaboraram, nos dá ampla explicação sobre a palavra Bernúncia, e assim termina: "Ela vem de 'Luiz Alves, município de Itajaí do Norte, invenção de Antônio, antigo trabalhador da linha telegráfica. E por Bernúncia, ficou conhecida até hoje e travessará as gerações sucessivas, sem lhe tirarem mais o nome".

"Ao belo clarão da lua,

Vem surgindo uma Bernúncia

Das matas de "Luiz Alves",

Dirigindo-se prâ Penha

Da ponta da Armação.

Dizendo: Viva! que viva!

Senhora dona Alegria,

Dona do meu coração.

Bernúncia! Bela invenção.

Prós tempos do Carnaval!

Quem a Bernúncia inventou

Teve idéia genial.

Lá no sopé da montanha

Cantou triste sabá

Também canto minha mágua

Com saudade da Cinhá

Olê, olê, olê.

Olê, olê, olá!

Arreda do caminho,

Que a Bernúncia qué passá!

Arreda, arreda,

Senão ela te cômee

Arreda do caminho,

Que a Bernúncia tá com fôme!"

S. José, 20-10-1950.

J. LUPERCIO LOPES

(Representante da Comissão na Palhoça).

NÓTULAS BIBLIOGRÁFICAS

E, no Jornal do Dia, de Pôrto Alegre, de 22-10-1950, WALTER SPALDING escreveu:

"São de importância enorme para nossa cultura as publicações periódicas, especializadas, como o são igualmente, publicações como "Província de São Pedro" que, parece, deixou de circular abrindo imensa lacuna. Mas felizmente embora de modo incompleto porque especializado e bem especializado, outras revistas surgiram, abrindo espaço aos estudiosos de diversas disciplinas.

Santa Catarina, com o excelente

122 — BOLETIM TRIMESTRAL da Comissão Catarinense de Folclore que entra em seu segundo ano de vida com o n. 5 ora distribuído; é um dos bons órgãos que veio substituir uma parte, — a folclórica, da extinta "Província de São Pedro". Mas há outros que, infelizmente, não conhecemos, agora o belo órgão da Comissão Espiritosantense de Folclore, intitulado "Folclore".

O "Boletim Trimestral" da Comissão Catarinense de Folclore, cujos esforços e cujo trabalho são dignos de serem apontados como exemplares é repositório de ótimos trabalhos merecedores dos maiores elogios.

Não sabemos, na realidade, que mais apreciar: se o trabalho árduo da Comissão, se o belo Boletim, resultado daquele trabalho, se o apóio eficaz que o Governo Catarinense tem dado a ambos: Comissão e Boletim.

Vitorioso este, francamente aceito e elogiado, merecidamente, por todos quantos se interessam pelo nosso folclore, só resta cumprimentar a ilustre Comissão Catarinense e fazer votos para que o benemérito Governo Catarinense não esmoreça nos seus favores mais do que justos a quem tão longe e tão alevantadamente leva e glorifica o povo e a terra barriga-verde.

TRABALHOS ORIGINAIS

COSTUMES DO TEUTO BRASILEIRO DO VALE DO ITAJAÍ

T. C. Jamundá

O impressionismo de superfície confere que o alemão ou teuto-brasileiro doutras áreas não encontra o aspecto dinâmico do processo de aculturação quando em presença da sociedade teuto-brasileira desta área geográfica, isto pelo etos de que é portador. Sociologicamente não tem mérito tal impressão pois, é apenas um erro grosseiro.

A competição social nesta ou em outra sociedade não considera imunidades, e quem se der ao estudo de penetração desta sociedade ha-de encontrar matéria farta para conhecer a existência de conflitos envolventes de indivíduos que o impressionismo aponta fóra do complexo aculturativo.

É permitido mencionar a prevenção contra os descendentes de alemães pomeranos. Para alguns teutos-brasileiros apelidá-lo de pomerano é insultar, significa que se lhe está chamando: teimoso, atrazado, intratável, comumente se diz em alemão POMMERKNOTEN que vem ser "fechado como nó cego".

Os grupos teutos-brasileiros da cultura pomerana agravam a prevenção no uso do dialeto PLATT'DEUTSCH e com certa cultura de folk própria das suas comunidades. Uma senhorita nos disse porquê deixou sua comunidade rural para viver empregada do comércio em Blumenau: "Não era tão bobalhona pra ficar lá em cima ouvindo colono falar PLATT. Certo viajante comercial entusiasmou-se para realizar vendas nas comunidades erroneamente chamadas dos pomeranos".

nos, quando são de teutos-brasileiros descendentes de alemães pomeranos — dizia êle ufanado: “quem fala PLATT no meio dêles, lhes vende até seu próprio cemitério”.

É permitido dizer que nestas comunidades o feitichismo tem lugar notável, as benzeduras, as garrafadas de ervas para fins medicinais e muitas superstições corriqueiras em grupos lusos-brasileiros de beira-mar. Na agricultura não falta a utilidade das rezas para matar bicheiras, para acabar carrapatos e a lagarta dos milharais. É particularmente notável que os cobertores de penas de gansos, tão comuns para a estação fria, sejam onde os feitiços se encontram quando objetivam o mal no chefe da família ou mesmo nela tóda. Certo proprietário de lote rural teve todos os porcos destruídos pela peste suína, logo depois o gado leiteiro foi atacado pela raiva e aumentou o prejuízo do agricultor já desesperado. Ele na tentativa de evitar que o prejuízo fôsse maior, procurou evitar os efeitos da “coisa”. E contou que quando voltou junto com a esposa foram vêr o que havia dentro do cobertor de penas. Para ficar surpreendido as penas estavam emagacadas: “bem mesmo como o CABOCLO DE ITAJAÍ havia dito”.

Feitiço só quem descobre ou faz é CABOCLO BRASILEIRO, com sangue luso e africano. E só nele o teuto-brasileiro crê. Para encontrá-lo anda quilômetros e as vezes até para saber onde é que ficou um objeto perdido. Nos surtos da raiva bovina, peste suína, lagarta no milharal os rezadores e curandeiros ficam fartos dos encargos. A credence, o feitiçeiro, o curandeiro e o benzedor vivem na sociedade teuto-brasileira com todas as honras do ofício e bem pagos. E nas comunidades que predominam elementos deixados pela herança social do pomerano, a cultura de “folk” é um terreno fertilizador doutras credences.

Como realismo provado que a cultura de “folk” não foge à influência externa ou seja as determinantes da aculturação, é oportuno mencionar o conflito nos bailes das sociedades diversionais. Para restringir em largura e aumentar em profundidade nosso exemplo, ficamos na sociedade de atradores SCHÜTZENVEREIN. É sabido que elas consistem no que existe de legítimo em cultura de “folk” desta sociedade teuto-brasileira.

No seus quadros sociais ainda vivem portadores de costumes de trinta anos passados e saudosos tentam em vão na organização de momentos diversionais, típicos desta área cultural quando vivia em isolamento espacial.

Temos presenciado o conflito entre as gerações de teutos-brasileiros: a da valsa tradicional e a do samba carioca. Duas épocas são definidas — nas valsas dançam os pares saudosos dos vinte anos e nos sambas os pares que dizem que as valsas ficaram no passado. Os do samba manifestam algum desprezo pelo linguajar teuto-brasileiro, geralmente, são dos que vivem estudando, trabalhando ou prestando serviço militar. Mesmo com teutos-brasileiros se esforçam por falar, exclusivamente, a língua vernácula e mostrarem desembaraço cidadão.

Outro ponto que revela a cultura de “folk” e onde ela tem as raízes mais remotas, são as sociedades de cantores GESANGVEREIN. Hoje, quasi desaparecidas, embora o lamento dos que viveram os tempos delas seja censura social para o teuto-brasileiro hodierno. Em algumas comunidades de tirolezes também existiram sociedades de cantores (por exemplo na cidade de Rodeio, S. C.) regista-se que não foi transmitida como herança social.

Outra que também era ponto alto da sociedade teuto-brasileira, chamava-se TURNVEREIN — sociedade de ginástica. Tinha como símbolo os quatro F da ginástica criada por LUDWIG JAHN que significam: Fresco (FRISCH), Crente (FROMM), Alegre (FRÖHLICH), Livre (FREI). Notamos algumas vezes que o emblema dos F. era o que provocava o conflito cultural. Era um símbolo germânico e por ter a campanha anti-nazista inspirado perigo em tudo que era germânico, mui naturalmente o nativismo reagia. Quando racionalmente o nacionalismo correto combatia o regime nazista e não objetivava a destruição do povo alemão.

Existiam ainda os clubes: o jogo de bolão e o de jogo de baralho, eram chamados KEGELKLUB e SKATKLUB. O de bolão está ajustado à sociedade teuto-brasileira atual porém o de Skat está envolvido no movimento de depleção social. Mesmo assim temos ouvido veteranos do jogo de bolão censurarem o comportamento dos mais jovens com referências ao regulamento interno, a queixa sempre é a mesma: a mocidade não têm interesse pelo BOLÃO. Sobre o SKAT que é jogo das pessoas amadurecidas, é patente o desinteresse. Num e noutro o lucro financeiro era vedado pelos regulamentos, quem ganhava anotava pontos e quem mais os tivesse melhor lugar conquistava. Jogava-se nos dias certos de cada semana, sobre obrigação de comparecimento, a falta era punida com sanção dos estatutos, os parceiros eram chamados: SKATBRÜDER. Os resultados financeiros das partidas semanais iam para a caixa do clube, deles tirava-se para as despesas seguradoras da existência social, com o líquido promovia-se uma festa anual e nesta distribuíam-se prêmios, o melhor era do detentor de maior número de pontos, e os demais consecutivamente.

As sociedades de ginástica tiveram desenvolvimento notável na organização diversional do teuto-brasileiro e difundia pedagogicamente, o contacto com a natureza. O governo alemão do regime nazista tomou em conta o valor educacional delas, por isso ajudou-as a florescer e quando do governo brasileiro elas não receberam mais nem menos que a clássica indiferença do “viva como puder” e “cresça como quizer”.

Explorando o caráter gregário da sociedade teuto-brasileira os governadores municipais encontravam solução para a realização de obras públicas fóra das possibilidades dos recursos orçamentários normais: promoviam, por comissões espontâneas, festividades na sede social da sociedade de atiradores — durante o dia na venda de churrascos, bebidas, leilões, tómbolas, onde tanto era sorteado um pato de porcelana como um casal de pacas, uma figura de cerâmica popular, um marreco, uma panela de alumínio ou um sabonete; angariavam assim recursos financeiros. As pessoas de maior destaque social ocupavam papel saliente na organização, serviam nas mesas, nas barracas e nos balcões: as festividades gastavam o dia e entravam pela noite com as danças. Muitas escolas municipais, vários trechos de estradas, pontilhões, terraplanagens de áreas para edificações, hospitais, edifícios para sede sociais, igrejas, (católicas ou luteranas), saíram da idealização para existirem de modo útil em festividades populares.

É oportuno realçar que na festa religiosa de aspecto unilateral, os contribuintes e participantes não ficavam restringidos ao grupo da religião beneficiada. Observamos que a explicação era dada do modo seguinte: no dia festivo com a participação de todos, fraternalmente, os resultados financeiros eram maiores, e para alcançar tal

objetivo a compra dos gêneros, guloseimas, utensílios e tudo o mais indispensável era feita em todas as casas comerciais, anulando a priori os ressentimentos. Mesmo, algumas vezes, a festa sendo da igreja católica, o grupo financeiramente poderoso era luterano. No costume local nunca se menosprezava a contribuição financeira. Também os negociantes se compreendiam compromissados no comparecimento quando vendiam para a festa, indistintamente do lado religioso.

Este comportamento vem explicar como cada comunidade conseguiu ter sua escola, sua igreja e seu cemitério, o triângulo social característico do povoado na área cultural da sociedade teuto-brasileira.

CIVILIZAÇÃO, MAGIA E ENCANTAMENTO

Orlando Ferreira de Melo

(Correspondente, em Blumenau, da Comissão Catarinense de Folclore)

O estudo do folclore — principalmente no sector das atuais crenças e superstições populares — fornece amplo e sólido subsídio ao esmiuçamento de importante questão da História do Homem. É particularmente sugestiva esta contribuição no que se refere a um obscuro e prolongado período da história da inteligência humana, o que vai, aproximadamente, do eolítico (1.000.000 a 300.000 anos A. C.) ao neolítico (10.000 a 3.000 anos A. C.), ou seja, por quasi todo o período pleistoceno, era cenozóica. Aos técnicos do assunto, aos que vem tentando desvendar a natureza da inteligência e seu desenvolvimento, uma pergunta se tem levantado: — Por que motivo, embora o homem já fosse psicologicamente capaz de inventar ou construir uma civilização a centenas de milhares de anos (isto já no fim da fase interglacial de Mindel-Riss), sômente começou a haver real progresso a, aproximadamente, 6.000 anos? (Afirmam alguns autores que "tôda a história parece demonstrar que um nítido **desejo** de progresso só appareceu duas vezes em tôda a história humana; uma nos velhos tempos gregos, outra, em época relativamente mais recente, a partir das Cruzadas".

Uma resposta, clássica, vaga, tem sido apresentada "o progresso tinha que ser lento". Repudiaram-na, entretanto, os modernos historiadores, apoiados nos atuais conhecimentos de psicologia. **Algo** de

muito poderoso deve ter forçado este quasi imensurável atraso, alguma **fôrça**, mais intensa que o desejo natural de progredir. Que teria sido esta catastrófica coação? A resposta vem se definindo cada vez com mais clareza: Face aos mistérios da natureza o homem enveredou pelo caminho errado — a explicação **personificada** de seu mundo — e consequente fé na **magia**, isto é, “na arte de manipular, subjugar ou controlar a Natureza por meio de feitiços, ritos e encantações”. Tal atitude levava, inexoravelmente, a resultados negativos e estes, atormentando o homem, aniquilaram sua vontade durante milênios, subjugaram-no, tornaram-no verdadeiro fantoche nas mãos de “fôrças superiores” incontroláveis. Surgiram, desde estas épocas remotas, as superstições, crendices e encantamentos, o temor mórbido do sobre-natural, enfim o embotamento das florescentes faculdades serenas do espírito, tão necessárias ao progresso científico como a análise e o raciocínio, pois, como é sabido, misticismo e objetivismo sempre foram antagonísticos. (Infelizmente, dado o caráter de simples apontamentos que este trabalho apresenta, deixo de trazer a palavra sôbre o assunto, de vários autores, como J. H. Robinson, Mac Nall Burns, Martin Stevers, H. G. Wells, Lévy-Brühl e outros). É fácil a constatação dessas afirmativas nos dias atuais, estudando, através do folclore, a psiquê popular com relação ao cabedal riquíssimo de suas crenças supersticiosas. A credulidade do povo é imensa. Sabe-o qualquer folclorista. Em recente e alentada obra intitulada “Lendas e superstições” que, no dizer de Edison Carneiro “fica inscrita entre os maiores e mais sérios estudos realizados entre nós sôbre o folclore nacional” — Ademir Vital compilou 55 mitos do litoral, 61 fantasias da várzea e do brejo e 45 lendas do sertão, todas elas referentes ao nordeste brasileiro. E, se para muitos estes mitos, fantasias e lendas são simples narrativas pictorescas e agradáveis, para muitos outros êles constituem a realidade. E o fenômeno não é brasileiro. Acontece em todas as regiões da terra. Onde é fácil concluir-se que, se em pleno século XX, com todos os recursos científicos e a paulatina eliminação dos “mistérios” da natureza vemos um mundo (embora parcialmente) atemorizado, escravo de suas crendices, **prejudicando-se freqüentemente por certas medidas tomadas de acôrdo com esta mentalidade supersticiosa**, devemos dar, portanto, razões aos que advogam a tese acima exposta, de que, por se haver o homem entregue a magias e sortilégios, não enveredou, desde cedo, pela senda do progresso.

As lendas de hoje — todos os temores e anseios — são meros reflexos das mesmas angustias e dúvidas do homem das cavernas, dúvidas não resolvidas por ter êle incorporado à sua própria personalidade, a falta de coragem e de capacidade para resolvê-las satisfatoriamente. Antes de entrar em luta aberta com a natureza, o homem temeu-a, e temendo-a, resguardou-se com armas fictícias e, desta forma resguardando-se, marcou passo, erradamente, por milênios...

BENZEDURAS USADAS EM JARAGUÁ DO SUL

Jefferson Davis de Paula

Para cobreiro (cobreiro)

Fazendo cruzeiros com a mão direita, sobre a região afetada, a benzedeira "corta" o cobreiro pronunciando as seguintes palavras:

São Andrão perguntou a Santa Andria.
Cobreiro brabo com que se curaria
— Com ramo verde e água fria,
Em nome de Deus e da Ave Maria.

O número de benzimentos, em todos os casos, será sempre ímpar, sob pena de "quebrar" o seu efeito.

Após a benzedura, o paciente deve aplicar à parte afetada, com auxílio de uma pena, o "sumo" da folha do maracujá manso... diluído em algumas gotas de água.

O cobreiro, segundo crê piamente a nossa informante — e muitos por este mundo de Deus! — provém do sapo, da cobra ou da aranha. Mas, uma benzedeira entendida mesmo — disse-nos ela —, identifica logo a sua natureza... Assim, ao benzê-lo, não se diz cobreiro brabo, mas o nome do animal que o produziu...

II

Zipra, zipela (erisipela)

Pedro Paulo foi a Roma,
Jesus Cristo lhe encontrou
— Pedro Paulo, o que há por lá?
— Senhor, muita zipra e zipela
— Muita gente morrendo dela,
— Volta atrás, Pedro Paulo
— Com estas palavras santas,
Água fria e o ramo verde.
Hás de curar.

A medida que tais palavras são pronunciadas, aplica-se, com um fragmento de lã de carneiro, em torno da região atingida, azeite doce ou água fria, tendo-se a precaução de não “fechar” o círculo, o que impediria, para sempre, a cura da zipra...

U’a moeda de prata substitue, às vezes, na benzedura, o raminho verde e a lã de carneiro.

III

Sapinho, “chôfro” (farfalho, estomatomicose)

Levada a criança às proximidades de um cocho ou “gamelão” em o qual se distribua alimentação aos porcos, a benzedeira pergunta:

Que eu corto? ao que deverá responder uma das pessoas presentes: Chofro. Conclue, então, a benzedeira: Chofro eu corto, em nome de Deus e da Virgem Maria.

Para o bom êxito do benzimento, que se repete nove dias consecutivos, não se poderá dizer sapinho, mas simplesmente chofro.

IV

Queimadura

Santa Sofia tinha três filhas.
— Uma fiava, a outra cosia;
Outra, numa chama de fogo, ardia.
— Perguntei Santa Sofia,
Queimadura, com que se curaria.
— Com bafo da boca e água fria.
Em nome de Deus e da Ave Maria.

V

Dor de cabeça

Pondo uma toalha em a cabeça do paciente, e, sôbre esta, um frasco de vidro com água, a benzedeira pronuncia as seguintes palavras:

— Deus é sol; Deus é lua; é a luz.

— Deus é a mesma claridade.

Depois que o sol saiu, é que êste mal foi entrado.

— Assim como “entrasse” — “sai” em nome de Deus da Virgem Maria e da Santíssima Trindade.

É indispensável, para se obter os efeitos desejados, que se faça o benzimento das quinze horas em diante; nunca pela manhã ou ao meio dia.

VI

Dor de dente

Uma dor de dente que me atormenta

— Se é dor, que passe — se é bicho, que morra;

— Se é ar, que se espalhe — se é sangue, que se meta nas veias,
Em nome de Deus e da Virgem Maria.

Em se tratando de dente cariado, aplica-se-lhe um pouco de alho.

VII

Rasgadura, nervo torto (entorses)

Servindo-se de um retalho de fazenda (novo), agulha e linha, põe-se a benzedeira a “cosê-lo”, enquanto pronuncia as seguintes palavras:

— Que eu còso?

— Carne rasgada, nervo torto (responde o paciente)

— Assim mesmo eu còso,

Em nome de Deus e de São Virtuoso.

— Se for carne rasgada, torne a soldar

— Se for nervo rendido, torne a seu lugar.

Terminada a benzedura, aplica-se à região breu com cachaça.

TERMOS E EXPRESSÕES REGIONAIS

Registrados por

Silveira Júnior

Entre os muitos termos e expressões regionais já publicados pela "Sub-Comissão Catarinense de Folclore" alinho mais os abaixo, alguns por mim recolhidos e outros enviados por amigos de várias regiões do Estado. Quando cito o município na definição do vocábulo, isso significa, apenas, o local onde os mesmos foram registrados, não a limitação do seu uso.

AFRONTADO — Mesmo que empanzinado. Vítima de malestar produzido por excesso de alimentação.

AMANSAR OS SAPATOS — Calçar ou dar para que outro calce os sapatos, afim-de alargá-los.

A PAMPARRA — À farta; de qualquer jeito.

ARREBENTA PEITO — Usa-se também **seca bofe e mata rato** — Cigarro ou charuto de má qualidade.

ASSUNTAR — Prestar atenção.

BAFAFÁ — Briga, bate-boca.

BAFO DE TIGRE — Hálito cheirando a cachaça.

BAGULHO — Comida. Muito usado em certas corporações militares do Estado. **Encher o bagulho** — Mesmo que encher a barriga.

BALAIO — **Dar ou levar** — Não atender ou não ser atendido ao convite para uma contra-dança.

BALULA — Mascarado. Termo muito usado em S. Francisco para significar apenas o indivíduo que usa máscara nas brincadeiras populares de boi de mamão, reis, etc. Não abrange o sentido figurado do vocábulo "mascarado".

COCO-DE-CACHORRO — Nome catarinense dado ao fruto do coqueiro gerivá. Aceito da literatura botânica.

FESTA DO GUAPO — Expressão registrada em Sombrio, equivalente a Festa de Iguape (N. S. de Iguape).

FICHAS — Suportes verticais que, nas prensas manuais dos engenhos de farinha, ligam a mesa à concha. Presumo que seja a interpretação errônea da grafia da palavra "fixas", em oposição aos fusos que são peças móveis do mesmo conjunto.

BATER COXA — Caminhar sem destino; passear a pé.

BATE-COXA — Caminhada sem destino; passeio a pé.

BAIXAR O TÔSO — Velhaquear (o animal).

BASTOS — Corruptela de "baixos". As téclas que marcam o acompanhamento nas sanfonas.

BATER A ROUPA — Dar pancada; surrar.

BARREIRA — Coisa extraordinária, incomum.

BICHARA — Capa de lã trançada (tipo ponche).

BIRUTA — Amalucado.

BOI DE BOTAS — Fazendeiro rico e sem instrução.

BOSSAL — Que tem "bossa"; maneiroso, bem falante.

BODOQUE — Peça fixa ao rodete, com a parte inferior recurva, que se movimenta em vai e vem sobre o forno, para evitar que a farinha (de mandioca) queime. (V. Chamarrita, Rodete).

BRILIN — Cordão fino e trançado, geralmente de cor marrom, que as crianças usam para corda de bodoque; linha para pescar e neira de pião. Termo registrado no município de Joinville. Como se trata de produto industrializado, é possível que, originariamente, a palavra "brilin" indicasse marca de fábrica.

BUTANTAN — Usado em Itajaí e Lajes para designar grupo de mulheres mexeriqueiras; local onde essas pessoas se reúnem.

CAGAÇO — Susto; pânico.

CANTO CHORADO — trazer de — Não ceder; obrigar o adversário a exgotar todos os recursos numa demanda. **Exemplo:** "Nas vésperas de eleições os matutos trazem os políticos de canto chorado".

CARIOLA — Capa que envolve a inflorescência dos coqueiros, chamada espata em botânica. Biguaçu.

CABORTEIRO — Velhaco.

CAMBIRA — Tainha escalada e seca ao sol. S. Francisco.

CHALADO — Adoentado; com preguiça.

CARANCHO — Aquele que comparece às festas sem convite (Lajes).

CACHORRA — Pronúncia muito usada em certas zonas do litoral. Mesmo que cachorra.

CAPOTE — Competição que consiste em raspar metade da mandioca e jogá-la para que o parceiro termine a operação de remoção da casca. Em certas zonas, o convite para jogar capote indica início de namoro.

CACHAÇA — Alguns sinônimos registrados: água, água-que-pas-sarinho-não-bebe, arrebenta-peito, amarelinha, água de briga, aço, bafode-tigre, bitruca, branquinha, canguara, chorinho, choro-da-mulata, choro-na-rampa, catinguenta, caiana, chica-boa, coco, esquentacorpo, ferro, mata-bicho, mardita, martelo, mulata, marumbis, pinga, rama, uca e número um.

CHANCHADA — Palhaçada; espetáculo conduzido por maus artistas.

CHANCHO — Porco.

CLÁFETE — Aportuguesamente do termo alemão “klafter”, correspondente a 3 metros cúbicos de lenha. Usado em Blumenau.

CHEPA — Toco de cigarro; resto de comida.

CORTIÇA — Nome catarinense dado a todas as espécies de araticum.

CORTAR A PROA — Desfazer pretensões.

CONCERTADA — Bebida caseira feita de aguardente, café, açúcar, canela e cravo.

COMER VÍCIO — Hábito doentio de ingerir terra, areia, pó de café, etc.

CORPO FECHADO — Ter o corpo fechado: ser infenso a ferimentos de faca ou arma de fogo.

COISA RUIM — Satanaz.

CRIADEIRA — Porca adulta.

CORNO — Interjeição equivalente a: “Diabo”! Entre a gente simples do litoral a palavra “corno” não tem o sentido pejorativo que se lhe dá na cidade, equivalente a marido de mulher adúltera. Frases assim são correntes no interior: “olha êste corno não perdeu a enxada...” O diminutivo é, quasi sempre, um tratamento afetivo: “Vem c’o papai, corninho”. São usados os femininos “córna” e “cörninha”.

CORUJA — Rosca de polvilho.

CHAMARRITA — Cilindro de madeira, com movimento de vai e vem, acionado manualmente por intermédio de um cabo, e que, por meio de duas correias, movimentam o rodete e o bodoque, na operação de fornecer a farinha de mandioca; cantiga sertaneja; bailarico da roça.

CONCHA — Parte superior da prensa manual, usada nos engenhos de farinha, onde se encaixam, em furos espirais, as peças móveis chamadas “fusos”.

CUBICO — Pico de morro alto. (Araranguá).

CURSO — Diarréia dos terneiros.

CUCA OU CUQUINA — A portuguesamento do termo alemão “kuchen”. Doce feito de massa de pão, coberto por uma camada fina de farofa de manteiga, açúcar e trigo.

CURICA — Cócega.

CASQUEIRO — Dar um — Não aceitar um pedido de casamento.

CUECAO (Pronuncia-se cuêcão) — Cada uma das peças de madeira, embutida na chumaceira, que fixa o eixo dos carros de bois. Do atrito entre o eixo e os cuecões resulta a “cantiga” do carro.

DISMASIA — Excesso de fluxo menstrual; hemorragia do mênstruo.

DATA — Lote urbano. (Canoinhas).

DEITAR O CABELO — Correr (numa briga).

DUVIDAR — por suspeitar — Exemplo: “Duvido que seja sarampo” por “suspeito que seja sarampo”.

DOENÇA PEGADA — Moléstia venérea.

ESGADELHAR-SE — Lamentar-se.

ESTRANZILHADO — Termo de carpintaria. Fora do esquadro. Ângulo com mais ou menos de noventa graus, quando deveria ter essa abertura.

ESTRAFÊGO — Estandalhaço, barulho, luta corporal.

ENSAROVA — Nome dado em Araranguá ao palmito ou içara.

EMBURRICAR — Empacar; obstinar-se em não fazer alguma coisa.

ENGEITAR PARADA — Não aceitar uma provocação, fugir de uma briga; acovardar-se.

FRISTIQUE OU FRESTIQUE — Aportuguesamento do vocábulo alemão “fruehstueck”, com o sentido de merenda, pequeno almoço. Entre operários da zona de colonização alemã, ouvem-se convites assim: “vamos fristique?”, em lugar de “vamos almoçar?”.

FOGO CENTRAL — Espingarda de caça, cujo cano se desloca para receber o cartucho.

FLATO — Ver “vago”.

FAROL — Exagêro; exibição; mentira.

FESTAR — Dar à luz. Registrado em Curitiba.

FRIGUIDO — Diz-se da toca ou carreiro que apresenta indícios da presença recente da caça, como rasto, cheiro, etc. É o contrário de “abandonado”.

FUSO — Bordel. (Videira).

GRAMEIRO — Morador da cidade.

GOROROBA — Alimentação simples e mal preparada.

GARRÁ CRIA — Fecundar-se (o animal).

GARRÁ O MATO — Fugir.

GÁS — Querosene (Joinville).

GOELA DO FORGO — Goto.

HIPÓTICA — Corruptela de hipótese.

INORAR — Reparar, censurar.

IR AOS PÉS — Evacuar.

JOANINHA — Alfinete. (Criciúma).

JABULAR — Engraxar os sapatos. (S. Francisco).

LAMBICAR — Chorar com fingimento.

LUMA — Lua. (Joinville).

LOURA GALEGA — De origem estrangeira (pessoa). Criciúma.

LIGEIRA — Desarranjo intestinal.

LAGARTEAR — Aquecer-se ao sol.

LIMPA BANCO — Música fácil de ser dançada.

LACEAR — Espichar, destorcer (o laço). Curitiba.

LADO DE LAÇAR — Lado direito (do animal).

LADO DE MONTAR — Lado esquerdo (do animal).

LISO — Copo grande de aguardente.

MOCHO — Diz-se do animal sem asas; espingarda de caça cujo cão é parcialmente encoberto.

MOROLÉTICO — Diz-se do galo de briga quando, em virtude de exgotamento excessivo, é tomado de tremor generalizado, perdendo ou reduzindo a combatividade.

MALFABETO — Corruptela de analfabeto. (Sombrio).

MIMOSA — Bergamota, laranja cravo.

MAMAR — Beber aguardente.

MAMADO — Bêbedo.

MUNDEADO — Viajado, sabido.

MORGO — Medida agrária correspondente a 2.500 metros quadrados. De “morgen”, alemão.

MALECHO — Doente; sem dinheiro.

MILES E MILES — (Plural de mil). Grande quantidade, abundância. Exemplo: “Fulano é muito rico. Tem miles e miles só em terras”.

MACHETE — Espécie de viola pequena.

MIJARETE — Esguicho, filete d'água.

MICHO, MICHARIA — Insignificância; pessoa ou coisa de pouco valor.

MATAR A TIRANA — Insultar em altos brados, ofender com palavras.

MAR BALANGADO — (De balangar, que é uma corruptela de balançar). Dizem os pescadores de Camboriú do mar, quando apresenta ondas mansas em vai e vem.

NÃO CHEIRAR NEM FEDER — Não tomar partido, não se definir.

NUNANCO — Que puxa de uma perna.

NATUREZA — Partes pudendas.

NASCIDA — Panarício.

NHON-NHON-NHON — Onomatopéia para designar a pessoa que possui lábio leporino.

OCUPADA — Grávida.

ORÇA — Orçamento.

ORELHANO — Diz-se do animal que não apresenta marca ou sinal.

ONÇA MANETA — Pessoa andeja. Termo registrado nos municípios de Jaraguá e Joinvile. Chamam também “onça maneta do Morro do Jaraguá”. Consta na região que o neologismo provém da analogia com uma onça apanhada em uma armadilha, donde fugiu com uma das mãos decepada. E dizem que a mancha sanguínea do ferimento foi constatada numa vasta região, o que indica a mobilidade do animal.

OVO GORO — Ovo não fecundado.

PROMUDADO — Vocábulo supostamente erudito que em certas regiões se emprega em lugar de “mudado”: **Exemplo:** “O nosso tempo está promudado”.

PADRE CREOULO — Capelão leigo que oficia certos atos religiosos, como terços e novenas. (Tijucas).

PICHOTE — Rapaz novo; pessoa inábil para determinada coisa.

PALAME — Enfermo, anêmico; que vive permanentemente adoentado.

POAIA — Vaidoso, requintado no falar.

PORCO — A gente simples do interior supõe que a citação do nome desse paquiderme possa ofender o interlocutor. Porisso eles usam os eufemismos: “bichinho”, “curé” ou “cabeça baixa”. Outros antepõem ao vocábulo as expressões: “não falando mal...” e “com perdão da palavra”. E fazem frases assim: “Matei um, não falando mal, porco”, ou “vou comprar, com perdão da palavra, um porco”.

PROVISÓRIA — Tirar uma — Fazem uma sondagem; tirar uma conclusão apressada.

PERDER OS ESTRIBOS — Encolerizar-se; perder a calma.

PÉ FRIO — Sem sorte; desanimado.

“PEGUEI, DERRUBEI, MARQUEI, TOSEI DE COLA E CRINA, DEI UMA PURGA DE SAL E SOLTEI” — Expressão usada, quando se acha um animal extraviado e se devolve à manada. (Curitibanos).

PRESTIO — Prestímo.

PASSO — Pássaro.

POR VIA — Por causa; em consequência.

PEÇA — Órgão sexual dos animais machos, especialmente dos cavalos.

PINGUEFLIM — Cada uma das pequenas peças de madeira, com fendas nas pontas, que servem para separar as cordas do bodoque.

PEGAR — Com o sentido de transmitir (uma doença). Expressão de **bas fond**. “Fulano pegou uma doença ruim na mulher”.

PAPA TERRA — Cigarro feito com fumo em corda e palha de milho.

PAPA SIRÍ OU PAPA MARISCO — Designação pejorativa dos habitantes do litoral.

POETA — Pessoa de maneiras afetadas; inteligente.

POTRA — Sorte.

POMBOCA — Cadeia a querosene. (Camboriú).

PATACA — Semente seca do garapuvú.

PATACA — Jôgo de — Jôgo infantil praticado com patacas e idêntico ao jôgo de gude.

PÊCA — Bola de gude. (Joinville).

RECALDINHA — Brinco de argola. (Criciúma).

RIDICO — Sovina.

RIDICAR — Sovinar.

REMORSO — Malestar indefinido; angustia. (Lajes).

REVERTERE — Dar o — Expressão usada em Itajaí e correspondente a esta outra: "Virar o chumbo por cima da cortiça".

REINA — Período do cio; choro de criança.

REBENTONA — Barganha.

RODETE — Suporte vertical, ligado à chamarrita por duas correias, com movimento rotativo de vai e vem, que faz o bodoque, encaixado na sua parte inferior, deslizar sobre o forno e movimentar a farinha de mandioca na fase de forneação. (V. chamarrita e bodoque).

RAINHA — Enxada. (Camboriú).

SETRA (ou cetra?) — Funda, estilingue.

SÓLINHA — Sandália. (Criciúma).

SOBREANO — Animal que tem mais de um ano e menos de dois.

SUMITO — Corruptela de **somfítico**, muito empregado no interior de Itajaí. Sovina, ridículo.

SOQUETEIRO — Puxa-saco. (Curitiba).

SUBIR NA BRACATINGA — Mesmo que **engeitar parada**.

SEVE — Esteira rustica de cipó ou taquara, que se adapta aos carros de bois para receber a carga miuda (mandioca, milho, etc.). Corruptela de **Sebe**.

SENTAR — Anotar a compra feita a prazo.

TRONCILHOS — Amígdalas. (S. Joaquim).

TROPICAR OU TRUPICAR — Tropeçar.

TIFA — Beco ou estrada sem saída. Do alemão **tiefe**?

TENTO — entrar no — Levar uma surra.

TEMPAR OU BATER O RELÓGIO — Medir a velocidade de um cavalo de corrida. "Juca está **tempando** o alazão".

TER UMA REATA COM ALGUÉM — Ter um namôro.

TREPAR FORA — Desembarcar (da carroça).

TORÓ — Zé ninguém.

TERMO DE BOM VIVER — Reconciliação judicial ou amigável entre cônjuges.

VAGO — Tontura, desmaio.

VIRÁ OS ARREIOS, VIRÁ NO SACÍ, VIRÁ NA MÃI DO SAPO, VIRÁ NO SARDANHA, VIRÁ NO COISA RUIM — Expressões registradas em Curitiba, todas elas equivalentes a **encolerizar-se**.

VIRADO NO SARDANHA — Encolerizado. Quem registrou a expressão em Curitiba esclareceu que Sardanha ou Saldanha era um sargento muito irascível que, por qualquer dá cá aquela palha, fazia uma briga. Porisso que "virá no Sardanha" tomou esse sentido...

VERIFICAR PRAÇA — Entrar como recruta para uma corporação militar.

EXPRESSÕES PITORESCAS

Acylio Accacio Pereira Pires

Apresento despretenciosamente aos ilustrados leitores dêste Boletim estas expressões regionais sendo que algumas são uma fina condensação da filosofia popular como

CERCANDO UM FRANGO

diz-se aqui do indivíduo embriagado que vai aos bamboleios pela rua, guinando ora para um lado ora para o outro. A síntese é felicíssima porquanto reproduz a forma de alguém que para pegar um frango ou outro galináceo, cerca daqui, cerca dali...

PEGAR OU BOTAR UMA CAMADA

(Porto Belo)

Em Porto Belo botar uma camada em alguém significa deitar feitiço, ou fazer com que terceiros enfeitem alguém.

É comum ouvir-se a expressão significando o fato de ter determinada pessoa contraído molestia venérea ou transmitido a mesma, e era com êste significado que eu conhecia.

Quando dei em veranear na praia de Itapema comecei a ouvir constantemente a expressão e desconhecendo o sentido que alí lhe é atribuído fiquei alarmado com a epidemia do que os italianos cha-

mam de "mal gálico" e em reprezalia os franceses alcunham de "doença napolitana"...

Naquela zona entretanto "estar com uma camada" é julgar-se enfeitado e "botar uma camada" é enfeitar alguém ou mandar fazê-lo por outrem.

VOMOSCONDEOS

Mandam gravar os pescadores daquela praia, na prôa de suas grandes canôas de rêde imprecações várias aos poderes superiores "Deus nos guie" "Deus vele por nós", além dessas entretanto o que todos mandam pintar é a afirmativa confiante "Vamos com Deus" que é escrita pelos artistas da terra em uma só palavra como acima "VOMOSCONDEOS" que sendo lida como proparoxitona torna incompreensível o sentido à primeira vista.

Outros ditos regionais caraterísticos são "mar de rôlo" e "mar aborrecido" significando mar picado ou agitado.

Como próxima contribuição folclórica falarei sôbre a "Bandeira do Divino" e suas andanças pelo município de Porto Belo e Tijucas.

TIA CHICA

Mário de Campos Birnfeld

(Continuação)

O nosso colaborador Sr. Mário de Campos Birnfeld, atualmente residindo em Pelotas, Rio Grande do Sul, residiu por longos anos em Joinville, ocupando elevado posto no Banco Nacional do Comércio.

As suas férias passadas em Ubatuba foram, como se vê, proveitosas, pois, agora, passados quase 20 anos, coopera com a direção deste Boletim, publicando o fato e interessante material que colheu.

Agradecendo a sua cooperação, esperamos poder contar com futuras colaborações.

N. da R.

HISTÓRIAS

No veraneio passado em Ubatuba, ouvi da tia Chica muitas histórias, quase todas iguais ou semelhantes às que nos contaram na infância.

Duas apenas, de fundo local, eu não conhecia, e pareceram-me interessantes. Ei-las: Há muitos anos, fez Jesus Cristo, numa tarde de Natal, uma visita investigadora e punitiva a uma sitiante rica e sovina, que morava para os lados do Acaraí. Sob o título — Um Natal em São Francisco —, publiquei-a no Diário Popular, de Pelotas, em 25 de Dezembro de 1945. Além dalguns pormenores pitorescos, há nela um centão comovedor, que não acredito tenha sido feito pela tia Chica. Apreciamo-lo:

- 1 Natal, Natal de Jesus,
- 2 Filho da Virgem Maria!
- 3 Veio ao mundo o Salvador!
- 4 Vai se acabar a pobreza!
- 2 Em vez de choro, alegria,
- 4 Em vez de fome, riqueza!
- 3 Veio ao mundo o Salvador,
- 2 Filho da Virgem Maria!
- 1 Natal, Natal de Jesus!

Os números foram postos por mim para facilitar o estudo das rimas e da distribuição dos versos. Esse genetliaco forma uma estrofe de nove versos, que não é clássica. Os três primeiros, que são repetidos no fim, em ordem inversa, exprimem o júbilo do poeta pelo nascimento de Jesus; os três versos centrais proclamam a esperança de melhor vida, como consequência do Natal e da visita de Jesus ao sítio, em que os escravos eram mal nutridos pela senhora avarenta, e os pobres não recebiam dela nem uma cuia de farinha. Cada verso é uma fórmula conhecida. A originalidade desse cântico profano-religioso está no sentimento ingênuo e sincero nele expressado. Quem será o seu autor?

A segunda história narrava a viagem feita ao inferno, por um visinho da tia Chica. O atrevido vira o demarca sentado numa cadeira vermelha, no meio dum laranjal. Curioso, tocou com a mão direita na cadeira; a mão ficou estorricada e retorcida como raiz de gengibre. Perguntei à tia Chica onde morava esse homem extraordinário. Ela respondeu-me que ele havia morrido alguns meses depois da aventura. Tal circunstância privou do prazer de ouvir um relato menos poético que o Alighieri, porém mais simples e verdadeiro. O Diário Popular publicou essa história.

MÊZINHAS

Chiaço e cólica. Torrar no forno o couro dum lagarto, reduzi-lo a pó, e, sobre este, derramar uma chaleira de água fervente. Deixar que esfrie, coar e tomar à vontade nos momentos de crise.

Icterícia. Tomar, nos dias de Lua minguante, uma gema de ovo com três pingos de rezina de amêcia ou armêcia.

Na falta de ovo ou para economizá-lo, urinar numa casca de ovo, e por tudo num formigueiro.

Mordedura de cobra. Fazer a vítima beber um pouco de querosene, e friccionar o lugar da mordedura com querosene. Depois disso, e até que a ferida feche, ou desapareçam os sinais dos dentes da cobra, ralar diariamente raiz de marmelo-do-mato, apertar a raladura num pano para tirar-lhe o suco, e fazer que a vítima beba um pouco. Com o restante, lavar o lugar da dentada.

Mau olhado ou feitiço. Uma chícara de infusão de raiz de guaná elimina os efeitos do mau olhado e do feitiço. Pode ser tomada como preventivo contra mau olhado e feitiço.

SIMPATIAS

Afogamento. Um rosário ou um terço de capião, pendurado ao pescoço, impede que o seu portador morra afogado.

Mal-de-gota. (Epilepsia). No momento dum ataque de mal-de-gota, limpar os lábios do paciente com um lenço branco e não usado ainda,

é enterrar o lenço bem no meio duma encruzilhada. O doente deve ignorar o tratamento, a que foi submetido, o lugar, onde está o lenço, porém não poderá passar pelo ponto, em que ele está durante um ano. Se o fizer, ou se alguém lhe faiair sôbre o assunto, os ataques voltarão e sem possibilidade de cura.

Temporal ou mar encarneirado. Para cortar um temporal ou tornar o mar bonança, colocar um rosário ou um terço de capiá dentro dum copo de água.

Susto. A pessoa, que se assustou, senta-se em lugar aberto, de modo a fazer alguma sombra.

O curandeiro faz menção de apanhar com uma peneira, e bem próximo do solo, um pouco da sombra do paciente. Levanta a peneira, e a emborca sôbre a cabeça do paciente como para derramar sôbre êle o conteúdo da peneira.

Chama-se a isso caçar o susto.

Se a pessoa desmaiara durante o tratamento ou estiver desmaiada, soprar três vezes no alto da cabeça e gritar três vezes: Joaquim, (ou Pedro, etc.) volta para o teu corpo.

VOCABULÁRIO

Activo. Empregado sômente para significar velhaco.

Aleluia. Empregado para significar alegria, o que é vernáculo, porém muito pouco usado pelos cultos. "Esta chuva é uma aleluia para as plantas".

Amécia ou armécia. Rezina empregada como remédio. Não pude saber de que planta ela provém.

Barriga-na-boca. Gravidez, grávida.

Bicho-de-fogo. Nome dado ao primeiro navio de vapor, que entrou em São Francisco.

Brisar. Soprar brisa. "Brisou tôda a noite".

Cançada. Caniço, vara com que se pesca.

Capiá. Biurá, lágrima-de-nossa-senhora.

Chiaço. Asma.

Chirrio. Som agudo produzido pelas rodas da carreta em movimento.

Chumbeiro. Chumbada, chumbeira.

Colônia. Nome pelo qual era conhecida a cidade de Joinville.

Comedio. Comida habitual de certos peixes. "O cardume de pa-lombetas anda atrás do comedio".

Dar no facho. Prostituir-se.

Destrói. Destroyer.

Diminutivo empregado, não só para significar cousa pequena, carinho, pessoa pequena ou aspeto ridículo, como para exprimir pequena quantidade. "Plantei um milhinho". Plantei pouco milho.

Encantilado. Corruptela de alcantilado.

Encascar a estrada. Espalhar casca de ostra no leito duma estrada.

Enzonado. Estar com mau olhado ou estar sofrendo as consequências do mau olhado.

Estar em água. Estar verde. "O milho está em água".

Estar deixado. Forma passiva empregada em vez da activa. "Todos estão deixados da lavoura. "Todos estão deixando ou deixaram a lavoura.

Fortuna. Empregado em vez de sorte, o que é vernáculo, porém

pouquíssimo usado pelos cultos. "Ele tem fortuna, sempre mata muito peixe".

Guaná. Vegetal cuja raiz é empregada como remédio, mas que não conheci.

Maleita. A tia Chica acreditava que a maleita era um resquício da febre amarela, que flagelou São Francisco, em 1858.

Mãe-com-a-filha. Mistura de garapa quente e cachaça, que se bebe morna.

Mapiar. Levantamento topográfico duma região. "Quando os soldados mapiaram o morro do João Dias..."

Naípe-de-roupa. Traje completo. "Eu tenho só um naípe-de-roupa".

Pau-do-corpo. Coluna vertebral.

Poeta. Empregado somente para significar eloquente, palrador. O Peq. Dic. Bras. da Língua Portuguesa, de Buarque de Holanda, considera o termo como brasileirismo de Minas Gerais.

Relíquia. Escapulário.

Remeximento das águas. Agitação das águas do mar.

Salto ou saltinho. Peixe, que, saltando, foge pela parte superior da rede.

Vago. Síncope, desmaio.

COLABORE COM A COMISSÃO. ENVIE-LHE AS SUAS OBSER-
VAÇÕES.

A SUA COLABORAÇÃO SERÁ PUBLICADA NO BOLETIM SE-
GUINTE SE CHEGAR A TEMPO.

ACHEGAS À PORANDUBA CATARINENSE

LUCAS A. BOITEUX

Continuamos neste número a divulgar as "Achegas à Poranduba Catarinense", que o nosso ilustrado contrerrâneo Comte. Lucas Alexandre Boiteux houve por bem nos confiar para publicação.

DIAS BEM AFORTUNADOS

"Êstes dias, — diz o manuscrito antigo que copiei — são em que Abrão e Jacob contratavão pelo bom conselho do Anjo, o qual devemos seguir":

Janeiro	3
Fevereiro	5 — 25
Março	2 — 18
Abril	5 — 25 — 29
Maio	4 — 27
Junho	3 — 8
Julho	4 — 13 — 16
Agosto	22
Setembro	2 — 7 — 23 — 27
Outubro	4 — 15
Novembro	14 — 15
Dezembro	18 — 26

DIAS MAL AFORTUNADOS

“Êstes dias são aziagos. Tôdas as pessoas que nestes dias adoeçam morrem infalivelmente, salvo se tiverem o seu nascimento de Jupiter, viverão e padecerão grandes molestias. Os que casarem viverão mal e serão mal casados. Os que começarem viagem por mar e por terra não acabarão sem grandes perigos; não é bom comprar, nem vender, nem fazer casas, nem ir a justiças ou juízo. Há três dias aziagos: a 1^a. as 2^a. feiras de Abril porque nelas foram consumidas as cinco cidades de Sodoma; a primeira segunda-feira de Agôsto porque nela matou Caim a Abel; a primeira segunda-feira de Novembro porque nela nasceu Judas traidor”.

Janeiro	2 — 11 — 26 — 30
Fevereiro	2 — 15 — 19
Março	15 — 17 — 19
Abril	6 — 15
Maio	7 — 11 — 14 — 30
Junho	1 — 9
Julho	2 — 16 — 20
Agôsto	9 — 16 — 20
Setembro	16 — 20
Outubro	6
Novembro	6 — 7 — 11
Dezembro	2 — 4

BENZEDURAS

Contra Erisipéla

(Canasvieiras)

Pedro e Paulo foram a Roma,
Jesus Cristo os encontrou.
— “Donde vindes Pedro e Paulo?”
— “Senhor, viemos de Roma”.
— “Que doenças há por lá?”
— “Muita zipra e ersipéla”.
— “Voltem atraz, Pedro e Paulo”.
— “Com que se cura, Senhor?”
— “Com o pé da galinha”.
Isso mesmo se cura
Tôda viva creatura
Para sempre. Amen.

Variante

(Tijucas)

Pedro e Paulo foram a Roma
E Nossa Senhora os encontrou
Em o caminho e perguntou:
— “Donde vindes Pedro e Paulo?”
— “De Roma, Senhora, a cavalo...”
— “Que novidades há por lá?”
— “Muita zipra e empôla má...”

— “Voltem atrás Pedro e Paulo”

Pois lá as curarão
Com cinco ramos de alecrim,
Oleo do S. S. Sacramento.
Para trás elas voltarão
E para diante não andarão.

Contra pulgas e mosquitos

(Ilha)

Bôa noite, imundicia maldita!
Some-te d'aquí, assim como
Jesus Christo se retirou da mesa
Que se come e não se reza.
Em nome de Deus
E da Virgem Maria.

Defesa do corpo

Hoje é dia de São Roque
E de São Joaquim:
Lá vai fogo de alegria!
Vira as costas p'ra Sant'Ana
E a frente para mim.

Contra o Ar

(Fanáticos do Contestado)

Ar vivo, ar morto, ar do dia, ar da noite, ar de ferro, ar de aço, ar do Sol, ar da Lua, ar das estrelas, ar do vento, ar da Terra, ar da água, ar da sota, ar de estupor, ar de sangue, ar de vidro, ar de paralisia, ar de todos os ares, eu sou quem te benzo em nome das três pessoas da Santíssima Trindade e do Divino Espírito Santo — Sáia o ar dêste corpo para fóra, assim como as lágrimas de Nossa Senhora Maria Santíssima quando viu seu bento Filho morto, coroado na cruz. Sáia o ar dêste corpo para fóra. São Marcos que abrande o ar dêste corpo. Se fôr de sangue que corra pelas veias; se fôr de tumor que se espalhe como a palavra de todos os Santos. Amen Jesus, Maria.

Espinha na garganta

(Florianoópolis)

Meu senhor São João Batista,
Chaveiro do céu,
Secretário de Jesus Cristo,
Se estás afogado
Com espinha ou osso
Ou outra qualquer coisa,
Que suba ou desça
Dêsse pescoço.
Em nome de Deus
E de S. Francisco.

(Ao rezar pega-se a pessoa pelos cabelos e dá-se um sôco nas costas).

Contra bicheiras

(Ilha)

São Jacob teve onze filhos;
De onze ficaram dez;
De dez ficaram nove;
De nove ficaram oito;
De oito ficaram sete;
De sete ficaram seis;
De seis ficaram cinco;
De cinco ficaram quatro;
De quatro ficaram três;
De três ficaram dois;
De dois ficou um;
De um ficou nenhum.
Dentro de 24 horas quero
Que se retirem êsses bichos
P'ro meio da terra fria,
Em nome de Deus
E da Virgem Maria.
Aumentareis, bichos, nesta bicheira
Assim como o serviço de Domingo
Aumentou a quem trabalha.

Contra cachorros

Nosso Senhor quando andava pelo mundo
Não havia cão nem cadela que o mordesse
Como isso é verdade, não há cão nem cadela que me morda.
Em nome de Deus e da Virgem Maria.

PARLENDAS, BRINQUEDOS E JOGOS INFANTIS

Jogo do Frade

- Bento, que Bento? — Frade!
- Na boca do forno. — Forno.
- Fazer um bôlo. — Bôlo.
- Fazer o que seu mestre manda?
- Faço, sim senhor!
- Ir buscar... (qualquer coisa que se mande...). O último a chegar apanha um bôlo.

Jogo dos Velhacos

- Diz o Capitão:
"Na porta do Marambéla
Apareceu um gato morto
— "Foram estes 2 velhacos" — diz o primeiro jogador.
— Foram estes 2 velhacos" — diz o primeiro jogador.
Diz o segundo: "Mentes velhaco..."
Volta o Capitão a perguntar:
— "Quem foi que esfolou?"
— "Foram estes 3 velhacos" — diz o primeiro jogador.
Volta a perguntar o 2º jogador e assim por diante. Quando algum se atrapalha apanha um bôlo.

Jogo do medo

Pergunta-se à uma criança:

— “Teu pai foi à caça?”

Ela deve responder:

— “Foi...”

Faz-se nova pergunta:

— “Teve medo?”

Ela responde: — “Não”!

Sopra-se, então, os olhos dela e se ela os fechar, diz-se: — “Teve, sim!”

Jogo do Soldado

Brilha, brilha, meu soldado,

Na porta do Capitão...

— “Como posso eu brilhar

Se ainda me falta o calção?”

(Cada um dos jogadores dá uma peça do uniforme: bonet, espada, etc. Aquele que não der nada apanha um bôlo com a pá da farinha).

Brinquedo de Esconder

Uma criança encosta-se a um muro de olhos fechados; as demais vão lhe dando uma palmada a dizer:

Maria **macundê**

Bate no

E vai-te **escondê**.

Cada qual procura esconder-se da melhor maneira e do esconderijo grita: Já é. A Maria macundê sai a procurar as companheiras. A primeira encontra ela diz: “Está tica” e esta a substitue.

*

* *

Umdois pirão com arroz,
Três quatro pirão no prato,
Cinco seis bolo inglês;
Sete oito com biscoito,
Nove dez quinhentos réis.

*

* *

Bão, bão, bão
Balalão,
Alferes, Tenente,
Major, Capitão
Vão todos à venda
Tomar seu pifão.

*

* *

B — a, Bá — passa p’ra cá,
B — e, Bé — p’ra São Tomé,
B — i, Bi — p’ra Sambaqui,
B — o, Bó — buscar cipó,
B — u’ Bú — p’r’o teu

*

* *

A — B — C...

Minha mestra

Não me dê

Com a varinha de condê...

*

* *

Tico-tico, saranico, (ou sarapico)

Quem te deu tamanho bico?

Foi a velha chocarreira

Que anda lá pela ribeira

Pondo ovos em pinico

E apanhando passarinhos

Para pôr na frigideira.

*

* *

Pirolitos que bate, bate,

Pirolitos que já bateu,

Quem gosta de mim é ela,

Quem gosta dela sou eu.

Temos a certeza de que V. S. gostou dêste número do nosso Boletim.

Já pensou V. S. no trabalho que se teve para fazê-lo?

Contribua, então, para que o nosso próximo número não seja inferior a êste.

O espaço não deve ser apenas de dois ou três. Colabore. Ajude.

Lembre-se que isto custa a fazer e é distribuído gratuitamente.

Únicamente para servir a Santa Catarina e ao Brasil.

O seu esforço será patriótico, em nos ajudando.

Ou a sua indiferença vai ao ponto de não se importar que esta publicação desapareça?

INQUÉRITOS

PELOS MUNICÍPIOS CATARINENSES

A D A G I Á R I O

MUNICÍPIO DE JOINVILLE (1)

- 30 — De pequenino se torce o pepino.
64 — Pelo afinar da viola se conhece o tocador.
70 — Quem vai ao ar, perde o lugar.
71 — Quem vai ao vento, perde o assento.
74 — Quem diz o que quer, ouve o que não quer.
Variante: — Quem diz o que quer, ouve o que não quer.
87 — Quando um burro fala, o outro abaixa as orelhas.
99 — Uma mão lava a outra, e ambas lavam a cara.
Variante: — Uma mão lava a outra e ambas lavam o rosto.
131 — De grão em grão enche a galinha o paparrão.
Variante: — De grão em grão a galinha enche o papo.
153 — Navio parado não ganha frete.
244 — Muito riso, pouco sisó.
262 — Olhos que não vêem, coração que não padece.
Variante: — O que os olhos não vêem, o coração não sente.
263 — O que arde cura e o que aperta segura.
266 — Pela língua morre o peixe.
Variante: — Pela boca morre o peixe.
274 — Quem cala, consente.
307 — A bom entendedor meia palavra basta.
315 — Cão que ladra, não morde.
331 — Em casa de ferreiro, espêto de pau.
358 — O que não mata, engorda.

- 363 — O trabalho do menino é pouco e quem o perde é louco.
Variante: — O trabalho da criança é pouco e quem não o aproveita é louco.
- 386 — Quando mija um português, se mija um, mijam três.
Variante: — Quando mija um português, mijam quatro, cinco ou seis.
- 398 — Uma desgraça nunca vem só.
- 400 — Voz do povo, voz de Deus.
- 419 — Cria boa fama e deita-te a dormir.
Variante: — Cria boa fama e deita-te na cama.
- 431 — Diz-me com que andas, dir-te-ei as manhas que tens.
Variante: — Diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és.
- 443 — Ladrão, que furta ladrão, tem cem anos de perdão.
- 456 — O seu, a seu dono.
- 463 — O caro é barato, e o barato é caro.
- 482 — Quem não te conhece, que te compre.
- 487 — Quem furta o ladrão, tem cem anos de perdão.
- 490 — Rí-se o nú do mal vestido.
Variante: — Rí-se o nú do esfarrapado.
- 493 — Tal pai, tal filho.
- 503 — Antes só, que mal acompanhado.
- 507 — A palavra é de prata, o silêncio é de ouro.
- 525 — Depois do mal feito, chorar não é proveito.
- 533 — Filho de peixe sabe nadar.
Variante: — Filho de peixe, peixinho é.
- 539 — Longe da vista, longe do coração.
Variante: — Longe da vista, pertinho do coração.
- 543 — Mais vale um gôsto, que quatro vintens.
- 555 — O homem põe e Deus dispõe.
- 556 — O bom filho à casa torna.
- 570 — Quem tudo quer, tudo perde.
- 571 — Quem me avisa, meu amigo é.
Variante: — Quem avisa, amigo é.
- 572 — Quem não chora, não mama.
- 596 — Tanto vai a jarra à fontinha, que lá quebra a asinha.
Variante: — Tantas vezes vai a jarra à fonte, até que quebra.
- 617 — Com vinagre não se apanham moscas.
- 621 — De vagar se chega ao longe.
Variante: — De vagar se vai ao longe.
- 650 — Não há sábado sem sol, nem domingo sem missa, nem segunda sem preguiça.
- 661 — O pior cego é o que não quer ver.
- 675 — Quem cospe para o ar, cai-lhe nos beiços.
Variante: — Quem para o céu cóspe, na cara lhe cai.
- 725 — Em boca fechada, não entra mosca.
- 729 — Fazer bem e não olhar a quem.
- 733 — Homem prevenido vale por dois.
- 737 — Mais vale tarde do que nunca.
- 742 — Não há rosas sem espinhos.
- 781 — Quem canta, seu mal espanta.
- 796 — Tristezas não pagam dívidas.
- 818 — De noite, todos os gatos são pardos.
- 831 — Gato escaldado de água fria tem medo.
- 850 — O saber não ocupa lugar.
- 859 — O melhor da festa é esperar por ela.
- 866 — Quem mais vive, mais aprende.

- 886 — Quando um não quer, dois não brigam.
900 — Vaso ruim não quebra.
936 — Mãos frias, coração quente, amor ardente.
Variante: — Mãos frias, coração quente, amor ausente.
975 — Quando um preto pinta, três vezes trinta.

Adágios joinvilenses

Além dos acima assinalados, ocorrem nesse Município, segundo afirma nosso prestimoso informante, mais os seguintes:

- a) Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.
- b) As águas paradas são profundas.
- c) O bicho maior come o menor.
- d) Quanto mijá um brasileiro, mijá quasi o mundo inteiro.
- e) Mais fácil se pega um mentiroso do que um coxo.
- f) Quem não tem cão, caça com gato.
- g) Casamento e mortalha no céu se talha.
- h) Ri-se o sujo do mal lavado e o rôto do esfrangalhado.
- i) Da mão à boca muitas vezes se perde a sôpa.
- j) Quem tem telhado de vidro, não atira pedras no do vizinho.
- k) Quando ardem as barbas do vizinho, põe as tuas de mólho.
- l) Cada um puxa a brasa para a sua sardinha.
- m) Quem se humilha será exaltado, quem se exalta será humilhado.
- n) Quem o alheio veste, na praça o despe.
- o) A mentira tem pernas curtas, a verdade sempre a alcança.
- p) Chuva e sol, casamento de espanhol.
- q) Sol e chuva, casamento de viuva.
- r) O macaco nunca olha o seu rabo.

- (1) Êstes adágios foram assinalados pelo sr. Álvaro Maia, md. chefe da Agência Municipal de Estatística de Joinville, como comuns àquela comuna. Serviu de base o "Adagiário" do dr. Armando Cortes Rodrigues, inserido na Revista "INSULANA", órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, Açores. — Atribue, ainda o nosso colaborador, ao elemento colonizador germânico as variantes apontadas.

FOLCLORE ANTIGO DE SANTA CATARINA

A PESCA

Virgílio Várzea

As pescarias activas começam, na ilha como no continente, pela quadra invernal, conforme anteriormente se viu, pois nos meses que se estendem de setembro a abril, o povo — à excepção dos homens propriamente embarcadicos, que andam em navios de vela da grande e pequena cabotagem, nos vapores de embarcações miudas do tráfego pelos rios e baías — entrega-se aos labores agrícolas, só indo ao mar, que é menos fértil então, pelas manhãs ou pelas tardes, a um outro lanço das rédes, à pesca à linha ao largo ou juntos aos ilhotes visinhos.

Durante esse tempo, que é o do descanso marítimo, os mestres ou fazedores de rédes trabalham desde o alvorecer até à noite, junto às janelas e portas de suas habitações, nos terreiros ou ao longo dos caminhos, torcendo o fio de gravatá que as mulheres fiam nos longos serões pacíficos, à luz fumarenta da candêa, sentadas sobre esteiras de perí a um recanto da varanda ou da sala, ao pé das altas varas polidas encostadas à parede e onde se enrosca, segura por um atilho de embira, a basta meada textil, de um vago perfume a cabo novo e semelhante a uma imensa cabeleira alourada, que se abre para baixo em grande pasta fôfa onde os dedos feminis, industriais e ageis, num movimento delicado e subtil, taceam e unem artisticamente o fio que se enrola ao fuso zunidor girando em impulso contínuo.

O fio é torcido a três pernas num torcedor de madeira movido a mão, e para que não arraste e se mantenha bem tenso, corre sobre

quatro ou mais forquilhas de pau fino, colocadas em linha e a grande distância umas das outras, um dos extremos atado ao fuso do aparelho, o outro fixo com laçada firme numa estaca distante, ficando para além da última forquilha a meio quilômetro mais ou menos do lugar do torcedor. Neste simples maquinismo portátil que se firma onde se quer, composto de um estrado de táboa de um metro de comprimento e largura proporcional, onde assentam perpendicularmente dois sarrafos paralelos entre os quais se move o volante circular que põe em ação uma polia de cordinha para impulsionar o respectivo fuso, volante tocado à sua vez por uma pequena manivella; neste simples maquinismo, dizemos, o fio é preparado com a maior rapidez e sai tão perfeito e rijo como se fôra obra de uma máquina moderna. Sacados do aparelho os vários metros de fio torcido, são emendados e enrolados em grandes novelos que vão pejar depois os cestos dos mestres de rêdes, em geral velhos marinheiros retirados aos seus sítios após terem passado a maior parte de sua existência no mar, ou antigos pescadores, encanecidos e de face enrugada pelas rudezas do ofício, os quais enchem com esses novelos as esguias agulhas de madeira com que remendam as velhas rêdes dilaceradas pela última faina, ou confeccionam as novas para as pescarias vindouras.

A factura das rêdes, nesses sítios, é simples e curiosa; e em nossa infância, quando em frequentes vilegiaturas pela ilha, a ela assistimos muitas vezes com satisfação, ouvindo, não sem emoção e encanto, a narração real e pura da vida venturosa do octogenário artista-marítimo que tínhamos diante de nós e cujo perfil psychológico já um dia traçamos no nosso livro de quadros da vida rústica catarinense — **Mares e Campos.**

O mestre de rêdes, sentado num mocho ao vão de uma janela, que enquadra alegremente ora uma curva de praia, ora a verdura de prados e montes, com o balaio das agulhas e novelos ao lado, lança uma volta de fio a um prego fincando ao batente, e, com a malheira à mão esquerda, a agulha cheia na outra, mascando ou pitando, mas cuspinhando sempre, entra a urdir dextramente a rêde, que cresce diáriamente em braças e braças até às proporções da encomenda. Pronto um dia êsse imenso tecido de malhas, que as vagas irão depois envolver longamente nos seus murmurios ou uivos de cólera ou plangência, cobrindo-o simultaneamente de rendados de espuma, na tempestade ou na bonança — começa o entralhamento, constante da costura de um cabo fino de linho às duas orlas longitudinais da rêde, uma toda enfiada de grossos discos de cortica para fazê-la flutuar, a outra palombada de espaço em espaço de chumbelros (1) tumidos de areia para a necessária imersão, de sorte que a rêde, nos lanços possa manter-se em perfeita postura vertical à superfície das ondas. E finalmente a colocação, a um extremo e outro, das grossas bétas de imbé resistentes à agua, pelas quais terá de ser puxada na enseadas e obras pelos camaradas e ajudantes, nos repetidos cercos à tainha de corso, pululando e saltando, aprisionada nas malhas, em cardumes enormes.

Cada um desses operários pode fazer de duas a três braças de rêde se fôr esta de **arrastar**, pois sua altura comumente não excede de 10m.0. As rêdes de **arrastar** ou **arrastão**, como lá se denominam, são as que lançando nas proximidades das costas limpas, onde não há pegões, cercam o peixe ao largo e levam-no depois para a praia, onde só podem ser colhidas. Ha-as, porém, que mergulham-se e suspendem-se afastadas do litoral em duas ou três canôas: são as de **tresmalhão** ou **tramail**, como se às conhece em França (Alphonse

Karr, Dictionnaire du Pecheur) muito mais raras que as primeiras e cuja urdidura complexa se divide em três **panos**, dois dos quais de fio e de pequenas malhas de permeio. Estas, posto que de menores proporções, são de fatura mais delicada e difícil que aquelas.

A malheira de que falamos é uma espécie de regua curta de desquínada, feita em geral de peróba, cuja largura marca o diâmetro exato de cada malha na confecção das rêdes e sobre a qual a malha se téce no enlaçar dos fios com o auxílio de uma agulha de madeira. A agulha é um pequeno instrumento inteiriço pouco maior que a malheira; tem a fórmula de uma lançadeira esguia e alongada, mas chata, com um dente comprido e delgado, muito flexível, talhado ao centro do ângulo agudo da ponta, o qual dente se ergue na parte larga da agulha que tem uma minúscula concavidade ao fundo, por onde passa o fio que se encapela no referido dente, quando cheia a mesma agulha.

Em maio, reparadas as rêdes velhas ou estragadas e ultimadas as novas, alcatroadas as canôas e pintadas as baleeiras, organizam-se as companhias e as grandes turmas de **camaradas** e **ajudantes**, que entram a povoar os numerosos ranchos das praias, então abertos até aos últimos dias de agosto. Por essa ocasião, desde a Ponta-grossa à do Rapa, a oeste e ao norte da ilha, como dobrando daí para léste até Naufragados, um enxame geral de homens e rapazes das freguezias e arraial nessa área espalhados, agita-se dia e noite, a rir, a pairar e a cantar alegremente, sôbre a linha alva dos cômoros ou no alto dos cabeços avançados nas vagas, à espera de que enegreçam o mar azul, ao longe, para dentro do Arvoredo, os primeiros magotes ou mantas de peixe do corso — a tainha, sobretudo — que vem tocada do alto mar pelas primeiras tempestades de inverno e o conseqüente regelamento das aguas, em busca do costão das ilhotas e do recesso mais ou menos sereno das abras e enseadas.

A faina marítima divide-se então em dois ramos bem distintos: a pesca das tainhas na costa com as rêdes de **arrastar** e a da enxova, feita à linha, no mar alto ou junto aos ilhotes visinhos. Começemos, porém, pela primeira, a das tainhas, que oferece um esplêndido espetáculo em todo o seu conjunto e detalhes.

(1) Espécie de pequeninos sacos, de um palmo de comprimento mais ou menos e de três ou quatro polegadas de diâmetro, feitos de riscado grosso ou brim de vela, que se encchem de areão para fazer imergir uma das amuras das rêdes, substituindo perfeitamente chumbo que, a ser empregado, pela quantidade exigida, tornaria excessivo o custo das mesmas rêdes.

Santa Catharina (A Ilha)

Cantigas, rezas, benzeduras, quadrinhas, adágios, usos, costumes; Gravuras, fotografias, objetos de arte popular;

Rendas, louças de barro, figuras, etc... Tudo isto nos interessa.

Comunique-se com a Comissão Catarinense de Folclore, contri-
buindo para a organização do nosso Museu Folclórico.

FOLCLORE NACIONAL

FOLCLORE ALAGOANO

OS PREGÕES DE TREM

Téo BRANDÃO

Já se foi o tempo em que uma viagem de trem era para qualquer cidadão deste velho mundo um acontecimento na vida.

As viagens para cidadezinhas do então ramal de Viçosa ou mesmo da estrada de ferro de Pernambuco, mais afastadas da capital, eram preparadas com meses de antecedência. Especialmente quando se ia passar "tempos" em Maceio e Recife. Preparavam-se as "munições de boca"; as cestas de vime recheiadas de perus e galinhas assadas, os lombos cheios, as fatias de pão de ló torrado, as fritadas de camarão ou de galinha, os sequilhos ou as bróas de goma, as garrafas ou melhor, as "quartinhas" com água fresca, com que se haveria de encher o estomago nas espichadas horas da travessia.

Ainda há 20 anos atrás, Jorge de Lima fixava no seu poema "GWBR" a incomoda mas certamente pitoresca viagem pelos trens da Great Western.

Contudo, ainda muito de pitoresco e de tradicional há para o folclorista anotar numa viagem pela velha estrada. Por exemplo, os pregões de trem, dos quais Jorge de Lima só muito por alto falou, os anúncios de moléques magros e meninos amarelos, de mulheres esqueléticas e de velhos trôpegos, cantados á beira das estações ou ao longo dos carros, mercando para os que não quizeram ou puderam trazer as "munições de boca".

Para quem vinha de Viçosa, naqueles velhos tempos, na época sobretudo do verão, e que tinha saído da então Princeza das Matas com o estomago confortado pelo bom café com leite, pelo pão de Padaria de Seo Joca generosamente untado com a saborosa Esbense, somente em Bitencourt começava a dar sinais de apetite, quando apareciam as cestas de folhas de palmeira entrançadas, replétas de mara-

vilhosos cajús ou belas jacas moles de bago roxo, ou pacotinhos de castanhas assadas:

— Óie a jaca mole!

— Óie o cajú doce, quem qué cajú, quem qué chupá cajú?

— Óie a castanha, assada, castanha assada, um tustão o pacote.

Mas era e é ainda inegavelmente em Lourenço de Albuquerque e Rio Largo — pontos de demora do comboio à espera do de Pernambuco, onde os pregões invadem os carros, entram por nossos ouvidos e atingem o mais fundo de nossas visceras, principalmente quando estas visceras andam de dieta efetiva e não mais poderão se deliciar com o encanto das guloseimas que os pregões proclamam.

O homem do cavaco chinês — estranha massa de farinha de trigo, parece que feita exclusivamente para aguçar a fome — com um baú cilíndrico às costas e a agitar o característico triângulo numa inconsciente aplicação prática da ação do som sobre a secreção salivar, vibrava nesses timpanos e espremia nossas glândulas salivares enquanto anunciava:

— Óie o cavaquinho chinês

— Óie o pacotinho de cavaco, novinho na hora...

E, após êle, sucediam-se os pregoeiros. Um anuncia bananas:

— Ei, madurinha, a banana...

— Óie o rolete de cana,

De cana caiana,

Óie o rolete...

Aqui o amendoim torrado, o velho mudubim querido por adultos e crianças:

— Vamos acabá o mudubim torrado, vamos acabá...

Ali, exposto à vista dos fregueses e das moscas, um prato com os tradicionais suspiros, broas e pães de ló, pães de ló naturalmente sem mais aqueles coloridos enfeites de papelotes de seda recortados que eram há 30 anos atrás uma arte desenvolvida e que a confeitaria moderna destruiu de uma vez.

— Olha a brôa, o suspiro e o pan de ló!...

Eram os pregões de pão — os pães doces feitos nas padarias de Rio Largo, ainda quentes do forno e reluzentes com o verniz açucarado com que eram e são vendidos — o grosso dos pregões.

Pão doce, dez tões

Dez tões, tá chegando quentinho... Olha aqui o novinho

Dez tões, chega tá se derretendo

E eram mesmo quentinhos, e tinham as formas pitorescas de jacarés, de cavalos, etc.

Não ouvi, contudo, serem apregoados os tarecos — tarecos que eram vendidos a tostão o pacotinho, e com os quais sonhava mais que com a própria viagem naqueles tempos em que com um tostão se podia comprar alguma coisa.

Por fim, já em Fernão Velho, ao descortinar o panorama maravilhoso de Mundaú, vinham os pratos dos pitus, vermelho-carmesim, barbados pitus que justificaram e certamente ainda justificam muitos incômodos aos que vinham a Macaé e que se deliciavam não só com saída de tão saborosos cavaleiros de Netuno quanto com os acepipes não menos deleitosos das cozinhas de Venus.

— Olha o pitú, olha o pit-ú...

("O Jornal" — Rio — 3-9-50).

Mande contar V. também as lendas da sua terra! Ela deve possuí-las. Falta apenas quem as recolha e conte...

FOLCLORE BAHIANO

A JEROPIGA E O FOLCLORE

LUIZ R. DE ALMEIDA

Chama-se "jeropiga" a uma bebida alcoólica, feita de suco de fruta, álcool e açúcar, ou também um pseudo vinho cuja fermentação foi suspensa pela adição de 10 a 13 por cento de álcool.

Já o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa define-a de modo um pouco diferente "Bebida feita de mosto, aguardente e açúcar; vinho cuja fermentação foi suspensa com aguardente na proporção de 20 a 25 por cento, vinho ordinário, zurrapa".

A "jeropiga" é diferente do vinho, porque este é o produto obtido pela fermentação alcoólica da uva madura esmagada ou do suco da uva madura. Mas também nos produtos obtidos exclusivamente pela fermentação alcoólica de frutas frescas maduras, obedecidos os mesmos preceitos estabelecidos para a vinificação (da uva), é permitido o nome de vinho seguido da declaração, expressa de sua natureza, no rótulo, em caracteres nitidos e de igual tamanho. Exemplos: vinho de laranja, vinho de cajú, vinho de abacaxi, etc.

Estes são os vinhos de frutas. Portanto, a "jeropiga" é muito diferente do vinho, porque, enquanto neste, o álcool é produzido à custa do açúcar do mosto, na "jeropiga" ele é adicionado no início ou durante a fermentação, que principia com o fim de paralizá-la ou emudecê-la, como se costuma dizer.

Há quem afirme que, a não ser a uva, as demais frutas não dão bom vinho, fornecendo-nos boas "jeropigas".

Mesmo assim, o sertanejo prefere não a ingerir, a menos que conheça bem a sua confecção. É assim que, ao lhe oferecerem uma bebida qualquer desconhecida, costumam dizer:

Prefiro minha caninha,
Que não faz mal a ninguém,
À "jeropiga" docinha,
Que nem sempre me faz bem.

A "jeropiga" tem também o nome de "mistela", termo popular, cuja verdadeira significação é: "comida ou bebida mal feita e de sabor desagradável.

De forma que na linguagem popular, "jeropiga" ou "mistela" é qualquer coisa de sabor desagradável (ou não), uma mixórdia alimentar qualquer de composição desconhecida e efeitos perigosos.

Entretanto, é quase unicamente usada para líquidos, como o termo "beberagem" — medicamento posto em garrafa para ser ingerido.

A diferença entre "jeropiga" e "beberage" (como chama o tabaréu) é que a primeira é facultativa e a segunda é obrigatória, pois, todos nós sabemos a confiança que o homem do campo tem nos curandeiros e charlatãs...

Tratando-se de uma "meizinha" ou "mézinha", ingerem logo, sem procurar saber o seu conteúdo mas, ao se tratar de uma "jeropiga", nem a mão de Deus Padre entornam pela guéla abaixo...

Quando se oferece ao nosso Jeca uma bebida, que ele desconhece, para substituir a cachaça ou mesmo um refrigerante qualquer, vira-se para nós com um ar desconfiado e responde:

— "Discurpe, seu moço, mas eu não bebo desta "jeropiga", que é remédio pra formiga"...

Não consegui saber o etimo do termo "jeropiga" (que, aliás, não é nosso); o termo popular brasileiro é "mistela", que quase nunca é usado com a mesma significação. Daí as seguintes quadras

Da uva se faz o vinho,
Da cana verde a cachaça,
Tudo mals é "jeropíga",
Na minha guéla não passa

Quem tiver sua bebida
Por favor não me ofereça
Eu não bebo "jeropíga"
Embora não pareça...

Pois, a tal da "jeropíga"
É melzinha pr'a formiga.

(Do jornal "A Tarde", de Salvador, Bahia, edição de 16-XII-950).

Temos o máximo interesse e fazemos o maior empenho em que seja valiosa a contribuição dos estudiosos catarinenses ao 1º Congresso Brasileiro de Folclore.

Faça-o por intermédio da Comissão Catarinense de Folclore.

Colabore para o maior êxito do 1º Congresso Brasileiro de Folclore.

FOLCLORE MINEIRO

CRENDICES

Saul Martins

As crendices constituem um ângulo do folclore de que também é intensamente rico o centro norte-mineiro, do vale do Rio São Francisco. São patranhas e abusões nascidas da ignorância religiosa, e que se baralham entre grosseiros métodos de curas, ou se misturam a preceito morais de temor a Deus, e de respeito aos pais, ao próximo e às cousas do Céu.

Exemplificando minhas assertivas, dou conta de algumas das principais superstições, muitas das quais, não há negar, restringiram muitos dos meus atos na infância:

1. Se num benzê a panela ante de arribá ela pú fogo prá cozinhá galinha do pescoço pelado, o capeta veim dinoite furtá um pedaço dela.
2. Chifre quemado ispana a cobra e os bicho ruim.
3. Queim ingole piába viva fica bom nadadô e nunca morre afogado.
4. Vê istrela perto da lua é siná de separação dum casáli.
5. Conde um beija-fulô verde enta in casa é arguma colsa boa qui vai chegá; se o beija-fulô é preto é siná de luto.
6. Barré casa dinoite é agora os pai.
7. Pisá no pilão séco é provocá briga in casa.
8. Andá cum a roupa azavéssa é pirigoso prue se cobra mordê, num iscapa; tamém os feiticéro pode jogá uma camassada de muamba in riba da pessoa conde sabe qui ela tá cum a roupa azavéssa.
9. Virá o trabisséro conde acabá de sonhá cua pessoa, ela também vai sonhá cá gente.
10. Se quemá cobra viva na Sexta-Feira da Paixão ela mostra as perna.
11. Dexá sapo mei morto a gente sofre dó de cabeça.
12. Coêio cortado e temperado prá cozinhá no ôto dia, vira púis; se é botado logo na panela some na posta.
13. Deve se disvirá os carçado quistivê imborcado, apois sinão vai havê disavença com o dono.
14. Queim tivé pai ou mãe num deve pintiá os cabelo dinoite.
15. Mulé prenha num deve sentá in riba de pilão, nem sartá cabresto, nem sartá sombra de limuéiro, neim dexá pessoa arguma passá por tráis dela, apois sinão terá mau parto.
16. Num se deve barré casa no dia qui um membro dela viaja, prueque êle tá sujeito a num vortá.
17. Infincá ua faca no chão conde se pesca, num pega peixe.
18. Virá o coice da inspingarda pá frente, num mata caça.
19. Botá fejuáda no fogo, dinoite, é prciso ante botá sáli apois sinão botá, as arma dos qui morreu de firida veim lavá dentro do carderão as infrimidade.
20. Ispingarda qui foi sartada prú mulé, nuca mais mata caça.
21. Bisôro de coroa branca in vorta da gente é carta qui se vai arrecebê; mais se o bisôro fô todo preto é carta de luto.
22. Andá de costa tá agoráno a mãe.
23. Conde se vê ua cobra e num quisé quela vai simbora é só torcê a barra da camisa.
24. Conde ua criança anda de quato pé e óia pú dibaixo das pena, é siná qui veim ôto rimãozinho.
25. Bizerro brincáno é siná de chuva.
26. Dexá caxa aberta é siná de morte in casa.
27. Conde a barra do vistido dobrá na frente é siná qui a pesso vai arrecebê um presente, mais se fô atráis é siná qui vai levá ua surra.

28. Conde se qué qui ua visita vai simbora logo é só virá a tampa do potê, os tição de fogo, pô a bassôra pá riba atrás da porta, ou antonce jogá sáli no fogo.

29. O satanês num chega perto de panela qui cunzilha maxixe ou corquê dicumê qui dento jogáro trem brabo, cuma dente dália cum casca.

30. Conde se qué achá a cumpanhêra dua cobra qui se mataro é só dexá ela de barriga pá riba, prуже a ôta veim logo.

(Do "Diário de Minas" — 22-10-50).

AVISO IMPORTANTE

A remessa do Boletim será definitivamente suspensa, àqueles que não devolveram o cartão que o acompanha.

FOLCLORE PAULISTA

DÉCIMA DO CASAMENTO

Rossini Tavares de Lima

Uma verdadeira e alegre "estória" de casamento de pobre, em quadrinhas bastante antigas, recolhemos na tradição oral da Sorocabana, graças ao informante Eugênio Pilar França. Segundo ele diz, a última vez que a ouviu foi num almoço de "mutirão". Botar um verso, dizer uma décima eram, então, expressões consagradas, embora as décimas não passassem de poesias narrativas em que predominavam as "quadras". Haja visto essa décima de um casamento, que conta a "estória" de um rapaz que foi tomar emprestado os "trens" do seu companheiro para poder se casar. El-la:

Meu amigo e camarada
Não vim só para visitar,
Vim emprestar uns seus trens,
Porque estou para me casar.

Eu quero que me empreste
Seu lombinho (1) com rabicho,
Se o senhor me emprestar
Meu casamento esta "ficho".

Também quero que me empreste
Seu bom cavalo tordilho,
E o senhor será padrinho
Do meu primeiro filho.

Também quero que me empreste
Sua bota e sua espora,
Pois minha mãe quase enlouquece
Por querer ter uma nora.

Também quero que me empreste
Sua camisa e sua gravata,
Pois a vontade de casar
De certo quase me mata.

Também quero que me empreste
Uma calça e uma ceroula,
Pois eu vou bem me casar
Com uma bonita creoula.

Também quero que me empreste
Sua metas e seu surtum (2)
Pois eu quero me casar
E me acho quase num.

Também quero que me empreste
Aquele seu bom chapéu,
Porque dizem que quem se casa
Ganha caminho do céu.

Respondeu o homem brabo,
Brabo e franziu o nariz:
— Vai mulher, vai lá dentro,
Com andarzinho de perdiz,
Vai buscar todos êsses trens
Prá emprestar prá êsse infeliz.

Voltou a mulher e disse:
— Moço vieste bem atrasado,
Os trens que vieste emprestar,
Já estão em outro noivado (3).

Voltou o moço bem triste
E muito desanimado:
— Senhora dona noiva,
O casamento está gorado,
Os trens que fui emprestar
Estavam em outro noivado.

Virou a noiva e disse:
Tenha coragem e fé,
Contanto que nós se casa
Podemos bem ir de a pé.

NOTA — (1) lombinho é lombilho, nome do apeiro que substitui nos arreios a sela, o selim e o serigote. (2) Surtum era uma peça de roupa semelhante a essas camisas soltas, que se usam sem paletó. (3) Noivado é o acompanhamento e a festa do "casório".

("Correio Paulistano" — "Correio Folclórico", de 28-3-50).

FOLCLORE DOUTRAS TERRAS

FOLCLORE AÇORIANO

MODOS DE DIZER TERCEIRENSES

por Carreiro da Costa

Lealmente o afirmamos, antes de mais nada: para a nossa presente fala, servimo-nos de dois notáveis trabalhos sôbre linguagem popular da Ilha Terceira da autoria de dois argutos e experimentados etnógrafos daquela parcela dos Açores. O primeiro, publicado em 1934 e da autoria do Dr. Luís da Silva Ribeiro, intitula-se **Linguagem popular da Ilha Terceira — notas para um vocabulário**; o segundo, vindo a lume em 1944 e elaborado pelo Major Frederico Lopes Júnior, denomina-se **Locuções e modos de dizer do povo da Ilha Terceira**.

Em ambos estes trabalhos, a todos os títulos valiosos, topamos abundante material para o estudo não apenas da expressão popular dos terceirenses mas também da de todos os açorianos pelos elementos de comparação que nos facultam. Compulsando-os uma conclusão, porém, se tira: — a de que, se muitos vocábulos e locuções são caracterisadamente terceirenses por aquilo que revelam como sendo uma resultante dos usos e costumes peculiares áquela ilha, outros por seu lado permitem estabelecer uma identidade que traduz ramificação de um mesmo tronco, expressões de um sentir comum.

Assim, se muitos modos de dizer são empregados tanto na Terceira como nas outras ilhas que constituem os arquipélago, a verdade é que a maior parte dêles possuem um sabor acentuadamente terceirense, como vamos ver.

Reportando-se, certamente, às peças do arado, dizer na Terceira que baixar as mãos ou os braços é **abaixar as aivecas** expressão que

equivale a estoutra: **Abaixar a barba** que é como quem diz, “não te exaltes que não tens quem te proteja”.

Coisa que não tem orientação alguma é como a **dança da Maria Picança**. Na expressão do mesmo povo terceirense quem apanha uma bebedeira **alaga os pés** e quem é fraco e arremete contra alguém fingindo de valente é o mesmo que a **morte a arremeter**.

Quem anda sem emprego nem poiso certo, **anda às malhetas** e quem apresenta mal disposto e pior humorado **anda com as trezentas**. Para exprimir pouca importância por determinada pessoa diz-se antes **estar mal com ela do que com a caixa do pão**. Assim como em S. Miguel uma fazenda riscada é às **canadinhas**, na Terceira um teci-dor em xadrês é aos **curralinhos**.

Todo o indivíduo provocador é um **atentador de almas** e tudo quanto é saboroso e agradável é **bum comâ milho**.

Sempre que alguém chucha a propósito, **calha a desbancar**, sendo frequente empregar-se para exprimir desconfiança esta curiosa locução: — **cantigas e pão de padeira é que me puseram desta maneira**.

Todo o chapéu posto às três pancadas é um **chapéu de armar desordens**. Sempre que uma pessoa se mostra irrequieta não parando lugar certo, diz-se que anda **como o gato em dia de matança** e quando um homem vive ilegalmente com uma mulher, afirma-se que **está com o pé no meio alqueire**. Certamente pela convivência com as belas manadas que se veem pelos pitorescos e extensos prados terceirenses, a gente do campo, daquela ilha, compara geralmente com os bezerros: **Gordinho como um bezerro — o teu pequeno!** . Outros dizem que o **pequeno tem dado muito pela criação**.

Sinonima da expressão **falso como Judas**, empregam na Terceira a locução: **como um pataco falso**.

Informa-nos o Major Frederico Lopes Junior no seu citado trabalho que “aos naturais da Praia da Vitória é imputada a falta de comunicabilidade e afabilidade, qualidades reconhecidas nos Angrenses”. Aludindo a este fato dizem os naturais de Angra do Heroísmo: **Da praia, sol alto e dinheiro na algibeira**.

Dar na moleira e dar na veneta é uma e a mesma coisa. Quem toma parte num determinado acontecimento **entra na função** e quem está adontado **está aborrecido**. Em S. Jorge dizem que **está someninhos** (de somenos). Se chove muito e alguém se molha bastante, fica — dizem os terceirenses — **fica alagado ninguém**. Estar quite com outrem é o mesmo que **ficar direito com alguém**.

Um indivíduo muito zangado, furioso mesmo, diz-se que **está queimado por dentro** — e sempre que um projeto não tem realização possível, **fica salgado**.

Fazer bailar a campônia é o mesmo que fazer dançar na corda bamba. Na Ilha Terceira, quem fala muito e por muito tempo, mas sem propósito, **faz farelo**; em S. Miguel **amassa barro**.

Naquela mesma ilha, quem entra numa determinada combinação **faz uma bragalhada** e que se preocupa demasiado sem razão **ferve em água fria**.

Ficar no mato sem cachorro é surpreender-se desprevenido, sem recursos possíveis; a expressão **pregar para outra freguesia** encontra na Terceira uma sinônima: **ir apoltar para outra banda**.

“Os domingos, do Espírito Santo e da Trindade, — escreve aquele investigador — são os dias de maior festa na ilha. Quando uma diversão qualquer atinge um grau mais elevado do que o habitual, diz-se: — **Juntou-se o Espírito Santo co'a Trindade**.

Quando alguma coisa desaparece ou se descaminha **leva a volta do sargaço**.

Se acontece uma pessoa estar de mau humor, diz-se que **não está de lapas**, o que significa que o mar não está manso.

Quem presta, simultaneamente, atenção a duas coisas está **com o olho na faca, olho na lapa**. A quem deu qualquer mania **pegou-lhe o carro** e se dois indivíduos brigam demasiado em luta corpo a corpo, **pegam-se de gadelha**.

Quem empreende qualquer tarefa ou negócio e não conta com os imprevistos **pensa que todo o mar é água**.

Se alguém é infeliz num negócio **sai pela porta do cavalheiro** — locução que na opinião daquele mesmo escritor "alude às duas portas do curro nas praças de toiros, uma para o toureiro a pé, outra para o de cavalo".

Sempre que um indivíduo é surpreendido em falso, diz-se que "**foi apauhado na canadinha**". Ser inconstante no proceder é ser **como a folha do álamo**. Quem descende de má gente **provém de praga ruim** e quem já tem muita idade é **do tempo da queda da Praia**.

Ser grosso para palito é o mesmo que ser merecedor de respeito e não de troca.

Como em S. Miguel, **ter pitafe** é ter máculo ou defeito principalmente de ordem moral. Uma doença grave ou uma lesão interna é um **mal de dentro**. Um espaço de tempo bastante longo é **uma mão cheia de tempo** e um grande ajuntamento um **mistério de gente**.

Voltar os pés pela cabeça é **virar de cotrámbios** e — finalmente — quem não é capaz de guardar um segredo **não aguenta as urinas**.

Estamos, pois, em presença de um sem número de locuções por demais curiosas que conjuntamente com as que dissemos há oito dias originárias de S. Miguel e com aquelas outras que a seu tempo contamos evocar das restantes ilhas, constituirão um dos mais interessantes aspectos da linguagem popular açoriana.

(Palestra proferida no Emissor Regional dos Açores).

A Ilha — 24-4-1948, Semanário Cultural — Ponta Delgada — S. Miguel — Açores.

FLAGRANTES FOLCLÓRICOS

NATAL OU N. SRA. DE SÃO JOAQUIM

Euclides J. Felipe

(Esta composição folclórica foi inspirada no bairrismo dos joaquinenes).

Já faiz tempo, munto tempo,
Nas lembrança se apagô,
Tudo era diferente
Quando o mundo começô:
O Brasil já era nosso,
Nóssa era a Mãe do Amô!...

Voceis perguntarão:

— Como isso assucedeu?...
Pedindo exprição
Dos mistério que se deu?...

Néssas éra que vão longe
Tudo era mataria;
Aqui viveu u'a moça
Com o nome de Maria;
Era humirde, caridosa
Era o Sol das serrania!

Humirdade é Luz Divina
Luz do céu que alumia!...

Ana era o nome da mãe
Joaquim era o do pae,
Que d'antes, bem d'antes já vae,
O casal nesta terra morô!
Por isso o Distrito Santana
S. Joaquim a plantô soberana,
Lá do céu, nosso Deus batisô!

Bom Jardim, Paraíso
De Nossa Senhora,
Que a infância, a aurora
Da vida passô!

Urubici era a roça
Onde havia uma chóça
E o casal trabaiô!

.....
.....

Esses campo e campina amorosa,
De Maria a morada ditosa,
É o orgúio do nosso sertão!
No verão, tudo é frô, tudo é rosa
E a brisa a soprá perfumosa
Indo ao céu em trinada canção!

No inverno, em cena grandiosa,
Das manhã que amanhece brumosa,
De vento, de neve, que nem um rendão!
A terra quar noiva graciosa
Toda de branco, gala e formosa,
Ao céu se dirige, em suave oração!

E as mata, alegre e garbosa
Em espécie as mais rica e famosa,
Do nosso pranarto, é um galardão!
Em attitude das mais respeitosa,
Aos céus numa préce ardorosa
Se eléva ao Criador, da Grande Nação!

Pinheiro, o Rei da floresta
Vestido sempre de festa,
Festando o Natal, de Nosso Senhor!
Estende seus braços, feliz abençoã
Na arpa do vento, que terno então
As glórias de Deus, Eterno Creador!

As perdiz venturosa
Cantantes mimósa,
Dos campos em frô!
A sodade no peito
Saluçã num preito
E se inclina aos feito
Do Exerço Feitô!...

.....
.....
.....

2º

Um dia ... um régio viandante
Vendo a beleza distante
"Deste céu de puríssimo anil",
Encontra quem prescentia,
Joaquim, Sant'Ana e Maria
Nas terras de nosso Brasil.

José, era o nome do andante
Que andava quar puro biante
Apreciando as beleza de nosso sertão!
Léva consigo a santa Família,
Se casa contente com Santa Maria
Em sonho de Deus, por inspiração!...

Se mudam pra longe
Pra otra Nação,
Só fica a sodade
No coração!...

.....
.....
.....
.....

3º

Agora... estão lá longe;...
S. José tá feito monge:
Um voto santo qué cumprí:
perene castidade
Neste mundo de mardade,
Só a Deus querem servi!

Mas o Deus de todos crente,
Otra cousa tinha em mente,
Logo em sonho apareceu:
— Maria terá u'a dita,
— Um milhão de veiz bemdita,
— Do espirito concebeu!...
— Eis aquí a Tua escrava
— Cumpra em mim, designio Teu!...

GLORIA IN EXCELSIS DEO!

4º

Linda...a noite estrelada!
Os astros, em feliz constelada,
Que entusiasmo a gente estudada,
Ao mundo anuciam, grandioso porvir:
É o natal suspirado
De Jesus Bem-Amado
Que ao mundo curpado,
Desceu a sorrir!...

Uma onda de paz, que ao longe lusia
Invade o mundo, que em si não cabia,
E nem idejava o que é que sentia:
— Pois pobre e humirde, nascia o Senhor!...
Os anjo cantavam em coro,
As estrela eram dente de oro
Da boca da noite, que ria só de amor!

Os vento contente, pulava e corria
E a lua briava, com todo o fulgor!...

As nuve chorava de tanta alegria
O mar se embalava, as ondas fremia,
Os rio entoava, louvor a Jesus:...
As pedra falava, caminho froria,
As ave trinava em mil melodia,
Horizonte inframava em chamas de luz!

E os nossos pinheiro das costa das serra
Unindo os lovores cas festas da terra:
Em grimpas de ôro, suas vestes mudô!
E o sereno em pedras preciosa
Com enfeites de pratas e rosa,
Na noite feliz venturosa,
... Ao Menino, seu preito prestô!

.....
.....
.....

5º

Os Magos Santos Reis
Em viage mais de mêis,
Se aprontaro todos treis
Ao Menino vêm saudá!
Com oro dão realeza,
Com mirra dão pobreza,
E a divina natureza
Com incenso vão prová!...

Os humirde pastorzinho
Dos nocente cordeirinho
Vêm fazê sua adoração:...
A industria pastoril
Representa meu Brasil
Ela é filha do sertão!...

.....
.....
.....

Trinta ano... são passado!...

Bom Jesus tá preparado,

Sua doutrina vae pregá:...

E Maria já tá véinha

Porém está rentinha

Pra seu Filho acumpanhá!

Ela é tão desvelada:...

Veja as bôda de Caná!...

Os triunfo de seu Filho

Que indica os santos trilho,

Que ao mundo traiz a Luz:

É um bem que vae na alma,

Já Maria recebe a palma:

— Ó que bom é ter Jesus!...

A sua vida é terna e calma

Embóra ao longe enxérgue a cruz!...

A sua Alma um hino entôa

No Universo, além resôa:

— PAZ AO MUNDO, SARVAÇÃO!

Lá no drama do Calvaria

O seu pranto é orvalho,

Que suavisa o coração!...

.....
Os ano e anos passam,

Já se urtíma sua missão!...

Um dia Maria rezava,...

No Filho... e em Deus pensava...

Quando um pobre se chegô:

— Ó Mãe me dá Tua bença

— Te acumpanha, dá licença,

— Teus trabalho já findô:...

— Ó Mãe, ... vem aos meus braço,

— Um pedido eu te faço:

— Reconhéce o Filho teu!...

Maria enxerga as chaga

Abraça o Filho, alegre afaga,

O bom Jesus, que é só seu!...

— Meu filho, as chaga que te fizéro...

— Ó Bem... não sabes quanto Te quero:

— Vieste enfim... não partas mais!...

— Sim ó Mãe Sou Eu;...

— Lá no céu o trono teu,

— A te esperá... tempão já faiz!...

OS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE JOINVILE

Reportagem retrospectiva, sem ilustrações, de

Egas Godinho

(Contribuição ás comemorações do 1º Centenário da Fundação da Colônia Dona Francisca)

Ha tempos, uma das maiores revistas ilustradas do país abriu as suas colunas para agazalhar uma interessante reportagem sobre uma organização impar em território nacional, curiosa, pitoresca e sobretudo benemérita, qual a dos Bombeiros Voluntários de Joinville.

Viam-se ali as barbas venerandas do seu Comandante, a curiosa forma arquitetônica da sua caserna e fazia-se uma completa descrição dos feitos dos soldados joinvilenses do fogo, ficando assim, o país inteiro a saber da existência de uma sociedade unica no genero em seu território,

sociedade na qual o indivíduo paga... para ser bombeiro.

Mas o repórter que realizou a empreitada jamais poderia descrever aqueles mesmos homens do fogo — feuerweher — em ação, ha uns vinte e cinco ou trinta anos atrás, como nós que os apreciámos, narrar um incêndio em Joinville, colocar em movimento aquelas figuras que ilustram a excelente reportagem, dar-lhes o calor das chamas que elles combatiam, colori-los com as tintas do fogo que elles se esforçavam por dominar...

Um incêndio em Joinville era, naquele tempo, um espetáculo!

Vinha gente dos subúrbios em redor — do Itaum, da Estrada da Serra e até de mais longe, da Bupeva e da Boa Vista, para apreciar o fogo... e gozar os bombeiros!

Podia ser a hora que fosse: — o povo descia. Vinha de bicicleta, de carroça, de automóvel, a pé, no colo — pois não ficava ninguém em casa e só os doentes se lastimavam que "logo agora, que estavam no fundo da cama, com uma bruta febre daquelas" é que ia justamente acontecer um incêndio!

As crianças estremunhadas vinham no colo, enroladas ás pressas em algum agasalho. As mães afobavam-se em acompanhar as pernas rápidas e largas dos maridos que as estiravam com vontade e decisão, para não perder "a coisa" desde o começo e para poder conseguir um lugarzinho na primeira fila, afim de assistir tudo a cômodo.

Os sinos tocavam a rebate, dando o alarme.

E, no silêncio da noite soavam, lúgubres como soarão no Vale de Josafat no dia do Juízo, em baixo profundo, as notas graves das trombetas, longas, intermináveis, repetidas, insistentes, em sol bemol...

Ha de o leitor indagar que diabo de trombetas eram estas... Pois nós iremos contar.

Em várias casas da cidade havia umas placas brancas com dizeres em negro com as seguintes palavras:

"AVISO DE INCENDIO"

"FEUERMEDELSTELLE".

Isto queria dizer que ali era um pôsto de aviso em caso de fogo. O funcionamento do serviço era mais ou menos fácil quando tudo corria bem, com exceção naturalmente para o dono do prédio em que se manifestava o incêndio...

Ao suspeitar a existência do fogo, o dono da casa ou o transeunte que notava os seus indícios, procurava naturalmente certificar-se de que de fato elle lavrava.

Em seguida, ou pedia o palpito ao transeunte mais próximo — raros á noite em Joinville, naquele tempo — ou seja na disparada á procura de uma casa com a tal placa, suspendendo a corrida em cada esquina a ver se não era ali, e retomando-a quando por azar ainda não era.

Descoberta uma, batia á porta da casa até acordar o dono da mesma, tirando-o do melhor dos sonos e se o sujeito tinha o dormir duro metia quasi a porta abaixo, até lograr o seu intento. Acordado o tal, aberta a janela para verificar o motivo daquela barulheira, meio acordado e meio dormindo, recebia elle o aviso:

— “Fogo ali na casa do seu Fetbah...”

Bem. Às vezes o dono da casa acabava de acordar com a notícia que lhe despertava para o cumprimento do dever. Outras vezes a coisa não corria assim tão facilmente, pois o diabo do informante, além de falar afobadamente, puxando o fôlego por causa da corrida, era brasileiro e o dono da casa não entendia patavina do que êle estava dizendo, ou então era alemão e o raio do dono da casa entendia néris da coisa, pois era brasileiro... Afinal, depois de muita explicação acabavam por entender-se à custa de mimica e de impaciência, enquanto a casa do Fetbah ia naturalmente sendo comida pelo fogo...

Entendida a coisa, cessava a responsabilidade do transeunte e começava a do bombeiro. Metia-se para dentro da casa, não sem voltar umas duas ou três vezes até a janela, pois a esquecia aberta e a mulher reclamava por causa das crianças que estavam dormindo ali, fechava a mesma com dificuldade, pois estes enguiços acontecem justamente nestas ocasiões e pegava na trombeta a tal do Vale de Josafat — que justamente aquele dia a mulher havia tirado do lugar em que costumava estar para meter debaixo de umas caixas e vassouras no vão da escada — e subia para o sofá à cuja janela se instalava para iniciar o concerto, soprando a plenos pulmões.

Dava dois, três, ou mais soprões com gôsto e repentinamente lembrava-se de que tinha ainda de vestir-se de bombeiro — calça branca, túnica azul escuro, qualquer sapato, cinturão largo com guarnições de couro e ferragens niqueladas e a peça principal do fardamento, uma casquete de couro preto, tipo casca de carocha, com friso de metal amarelo. Passava então a corneta à empregada, já acordada com o barulho e recomendava que continuasse soprando o que ela naturalmente fazia, inflando as bochechas ao máximo, pondo-se a soprar com quanta força nodia, com os compreensíveis desvios de energia no sentido oposto, pois aquela hora era de deixar se expandissem os recalques da natureza...

Até aqui a coisa ia marchando a contento, menos para o Fetbah, naturalmente...

Outros avisadores de incêndio, ao primeiro toque, viravam-se na cama: ao segundo, espichavam a orelha, ao terceiro pulavam à procura também da sua corneta. A cena repetia-se. À primeira, sucedia-se a segunda, logo já eram três e dali a instantes todos os avisadores estavam com as respectivas empregadas no local, acordando os bombeiros sem ação de sopro e a população: a cidade entrava em estado de alarme.

Os brasileiros saíam à rua gritando: “Fogo! Fogo!” e os teutos, por sua vez: “Feuer! Feuer!”

Está visto que, com o clamor, cada qual se levantava para ver se o raio do fogo não lhe era em casa e, depois de verificar que não havia cheiro de chamusco — que fazer a uma hora daquelas — vestia as calças enquanto a mulher reclamava — “Eu não fico!” — e dali a pouco estava com toda a sua tribo na rua, correndo para não perder o acontecimento e amaldiçoando o diabo do Fetbah que foi fazer a casa tão longe...

O nosso bombeiro, entretanto, já estava vestido. Alguns individuos de má lingua espalhavam que certos dêles ainda iam tomar banho antes de vestir-se, mas é mentira... Sob o olhar da frau que verificava se estava bem posto, orgulhosa do seu garbo, passava o pente nos cabelos louros metia o capacete e saia para a rua, à espera de uma condução que o levasse ao Quartel do Corpo de Bombeiros Voluntários, se não tinha bicicleta para fazê-lo por conta própria.

O primeiro que chegava ao Quartel esperava naturalmente que o abrissem e logo que se escancaravam os seus portões, meia duzia ou duzia e meia dêles, valorosos soldados do fogo, iam colocando a tralha tôda para fora: escadas, uma ou duas bombas, vários barris montados sôbre rodas, baldes de lona e mangueiras. E, à medida que ia sendo formada a tripulação de cada aparelho — saia às carreiras pelas ruas, dando corridas às mulheres atrasadas e às crianças choramingas que se retardavam na marcha para o local do sinistro.

Afinal, estamos no teatro do acontecimento: — a casa do Fetbah.

A estas horas o fogo já estava daquele geito...

Estudada a situação, o Comandante, o velho Lepper ou o velho Krische, dava as suas ordens em alemão. Esfendiam-se as mangueiras que infelizmente não davam para alcançar o rio Cachoeira que ficava a uns dois quilômetros dali. Hidrantes não havia, nem encanamento apropriado. Novas ordens.

O Fetbah, auxiliado pela vizinhança ia pondo os móveis na rua, enquanto a mulher, chorosa, recolhia os filhos na casa de um parente.

Os barris disparavam para o rio Cachoeira, puxados pelos braços dos bombeiros que os guarneciam. Lá, davam um geito para enche-los e tocavam de retorno ao local do incêndio. A população ficava suspensa, esperando a volta, ouvindo o crepitar do fogo, sentindo o cheiro acre da fumaca, apreciando o desenvolvimento da fogueira.

De repente, anunciavam o regresso dos barris montados. O povo abria alas, batia palmas ao barril que na pressa da volta, aos solavancos pelas ruas mal niveladas, chegava sempre pela metade. Imediatamente mergulhava-se dentro dêle a ponta das mangueiras. Dois bombeiros possantes, escolhidos a dedo, seguravam pé atraz, a outra ponta onde brilhava a ponteira metálica, fazendo pontaria às chamas. Uma outra ordem de comando e quatro latagões, suando às bicas, penduravam-se numa bomba aspirante-calçante, sistema gangorra, destas que a gente conhece dos livros de física, só que em tipo grande... dois prá baixo, dois prá cima e então ouvia-se, no silêncio que precedia a ação, o ruido da máquina sugando a água do barril:

— “Vú.ú.ú.ú.ú...”

E, do outro lado, num jato fininho, espirrar sôbre a fogueira

— “Tzi... Tzi...”

Novo movimento. Os dois de baixo subiam, os dois de cima baixavam à força de muque:

— “Vú...ú...ú...ú

E a água, do outro lado:

— Tzi.. Tzi...

Não raro descobria um dos valentes soldados que um dos assistentes, descuidado, plantara-se com as patas sobre a mangueira, e gritava:

— Faz fafôr, zenhôrr. Não fica pizande em zima do manguerrra...”

Mas a água do barril já estava no fim e a ponta da mangueira gargarejava dentro dela, revolvendo o fundo. A tripulação, a postos pegava-a e saía novamente a correr em direção do rio Cachoeira esbarrando às vèzes com o outro barril que já vinha em sentido contrário. E assim sucessivamente, até que a casa do Fetbah ruia e restasse dela um brazeiro.

Por fim, esgotado o combustível, apagavam-se no céu as tintas rubras do incêndio. O povo empreendia a marcha de regresso aos lares, cheio de sono, cansado, comentando o caso nas suas minúcias, alegre e satisfeito...

Não morrera ninguém. Havia muitos salvados. Afinal, a casa era a do Fetbah... E, como sempre, salvara-se o terreno...

No outro dia, quem passasse de manhã cedinho pelo Quartel do Corpo de Bombeiros Voluntários, na rua que ia para o Salão Walter, veria dependuradas da torre as mangueiras, escorrendo a água e a lama do Cachoeira que restara no seu interior. E, num banco de madeira, à sombra, alguns capacetes que haviam “encolhido”, pois sendo de couro e oleado, com a água e com o calor, muitos deles encouruscavam, ficavam que nem casca de abóbora-jacaré. Eram os restos da batalha da madrugada!

Mais tarde o Governo fez um presente à Sociedade dos Bombeiros Voluntários: uma bomba-caldeira automóvel, para o serviço de sucção e compressão da água e, às quartas-feiras à noite, reunia-se a corporação para os exercícios de estirar mangueiras, subir escadas, escalar a torre, acabando tudo numa boa roda de cerveja preta — Kulmbach ou Porter — de fabricação local. Depois, a guarnição da bomba-caldeira dava um giro pela cidade, tocando de vez em quando o seu sininho característico, para movimentá-la e conservá-la em forma.

Também por esta época fundou a firma Arp uma pequena turma de bombeiros próprios, formada de seus operários, que vestiam túnica verde, e que faziam um revezamento capaz de manter permanentemente um socorro de urgência pronto para entrar em ação ao primeiro toque de alarme.

Pode parecer que a nossa reportagem retrospectiva sirva para ridicularizar a corporação joinvilense dos bombeiros voluntários. Não ha tal. Um incêndio em Joinville era de fato assim. Muitos deles, a maioria, talvez, entretanto não chegaram a tomar maior vulto.

Aquilo era um esporte para eles, Praticar o “bombei-

rismo" era, pelo seu espirito, um verdadeiro esporte. E esporte arriscado e sobretudo incômodo, nas suas várias "fases" de alarme, combate e de reparação. Ter um operário de largar tudo durante o dia e de deixar o conforto do seu leito numa noite de inverno, para se meter em sarilhos, às voltas com mais fogo do que água, não era sopa... A baldes d'água abafaram êles muitas chamas. Os seus braços carregaram muitos bens, talvez mesmo muitas crianças, de dentro dos prédios em chamas, salvando-os da destruição e da morte, com risco de receber como premio um barroto em braças ou uma cumieira em labaredas, no alto do pericrânio, mal protegido por um capacete de couro já encolhido aquela hora...

Pois mesmo assim, para fazerem de heróis, ainda êles pagavam... e pagam. Naquele tempo, um cruzeiro por mês, se eram soldados do fogo, cruzeiro destinado a conservação do material.

Nós outros, que não nos metíamos no barulho e só gostávamos de apreciá-lo, pagávamos dois cruzeiros, pertencendo à classe dos sócios passivos (salvo seja!) e não éramos senão uns simples contribuintes. A Prefeitura ajudava um pouco, outro pouco as companhias de seguros contra fogo — e disto viveu sempre a Sociedade.

Verdade é que, para a melhoria do orçamento da receita, dava a Sociedade uma ou duas vezes por ano, cada baile de arromba que atraia todas as empregadinhas e operárias da rua do Norte e adjacências e tôda a rapaziada do nosso tempo.

Mas, isto já são outros cem mil reis.

Se Deus nos der a vida que esperamos e a saúde que lhe pedimos, ainda haveremos de contar as noites do Boa-Noite, dos Paus d'águas, do Bei Gutter Laun, do Nur Für Uns com os seus lanceiros, com a dança da vassoura e outras curiosidades; as festas dos Atiradores, dos Ginásticos, as reuniões dos clubes de canto e as das senhoras de idade com o seu clube de Bolão — coisas que enfeitavam a vida de Joinville, dando-lhe um aspecto característico que nenhuma outra cidade de Santa Catarina certamente possuiu, naquele tempo que ela vivia um período de transição entre a cidade semi-colonial que era e a bela e magnífica cidade brasileira que hoje é orgulho de todos os catarinenses.

(De "A Gazeta", de 18-2-51).

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Relação dos membros existentes em 1950

Nomes	Endereço
Oswaldo R. Cabral, (Secretário Geral)	R. Esteves Júnior, 138
Almiro Caldeira de Andrada. (Sub-Secretário)	Av. Hercílio Luz, 127
Walter F. Piazza (Tesoureiro) ..	Av. Hercílio Luz, nº 66
Altino Flores	R. Feliciano Nunes Pires
Alvaro Tolentino de Souza	R. Vidal Ramos, 50
Antônio Nunes Varela	R. José Jaques, 4
Antônio Taulois de Mesquita ...	R. Esteves Júnior
Aroldo Caldeira	R. Brigadeiro Silva Pais
Bento Aguedo Vieira	R. Crispim Mira, 89
Carlos Büchele Júnior	Dep. de Geogr. e Geologia
Carlos da Costa Pereira	R. Anita Garibaldi
Custódio de Campos	Av. Mauro Ramos
Doralécio Soares	Imprensa Oficial
Elpídio Barbosa	Av. Hercílio Luz, 131
Henrique da Silva Fontes	Av. Trompowsky, 14
Henrique Stodieck	R. Saldanho Marinho, 30
Hermes Guedes da Fonseca	Assembléia Legislativa
Jaldir Faustino da Silva	Av. Mauro Ramos
Ildefonso Juvenal	R. Bocaiuva, 214
João A. Sena	R. D. Jaime Câmara, 37
João Crisóstomo de Paiva	R. 24 de Maio, 467 — Estreito
João dos Santos Areão	R. D. Jaime Câmara, 11
José Cordeiro	R. Rafael Bandeira, 35 A
Lídio Martinho Calado	R. Alves de Brito
Martinho de Haro	R. Altamiro Guimarães
Manoel Soares de Azevedo Maia	R. Conselheiro Mafra, 93
Oswaldo F. de Melo (filho)	Travessa Urussanga, 6
Othon d'Eça	Av. Mauro Ramos, 120
Percival Calado Flores	R. Feliciano Nunes Pires
Plínio Franzoni Júnior	R. Delminda Silveira, 173
Pedro José Bosco	Rua Lajes, 60
Roberto Lacerda	Dep. Estadual de Estatística
Victor A. Peluso Júnior	Dep. de Geogr. e Cartografia
Wilmar Dias	R. Esteves Júnior, 47

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Relação dos Representantes Municipais

Nomes	Municípios
Acílio A. Pereira Pires	Gaspar
Alfrio Barreto Bossle	Palhoça (Sto. Amaro)
Antônio Dias	Brusque
Aroldo Carneiro de Carvalho ...	Canoinhas
Euclides José Felipe	Curitibanos
Francisco Machado de Souza	S. Francisco do Sul
Hermínio Millis	Pôrto União
Jefferson Davis de Paula	Jaraguá do Sul
João Reitz (Cônego)	Araranguá (Sombrio)
Lupércio Lopes	Palhoça
Nerêu Corrêa	Itajaí
Neusa Nunes	Tubarão
Norberto Bachmann	Joinville
Norberto Silveira Júnior	Itajaí
Otaviano Ramos	São José
Orlando Ferreira de Melo	Blumenau
Osias Guimarães	Blumenau
Plácido Gomes	Joinville
Rogério Fagundes	Campos Novos
Romeu Boiteux Piazza	Nova Trento
Romeu Sebastião Neves	Lajes
Ruben Ulisséa	Laguna
Teobaldo Costa Jamundá	Indaial
Teófilo Matos	São Joaquim